ANNO I | BRASIL - E. de S. Paulo — Mattão, 15 de Fevereiro de 1925 | N.º I

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS
ANIMICOS E ESPIRITAS

Director: CAIRBAR SCHUTEL

Collaboradores: DIVERSOS

SUMMARIO

Victor Hugo — O grande poeta espirita

ANNO I — Brasil - - E. de São Paulo — Mattão, 15 de Fevereiro de 1925 — N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

PUBLICAÇÃO MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPIRITAS

Director: **CAIRBAR SCHUTEL** — *Collaboradores: DIVERSOS*

O NOSSO TITULO E INTUITOS

O titulo e subtitulo que adoptamos para esta publicação comprehende uma vasta area de trabalhos e conhecimentos que marcam na hora actual um movimento de accentuado progresso na marcha da humanidade.

O incremento que os estudos psychicos teem tomado em todos os paizes do mundo, quer com o auxilio das vozes avulsas e desautorisadas, propagando as consoladoras e edificantes verdades da Revelação Nova, quer com o valioso testemunho dos representantes da sciencia, affirmando a realidade dos seus factos inconcussos, demonstra perfeitamente que o Espiritismo, embora batido e explorado em todos os meandros, é uma Doutrina vencedora, que já abriga em seu augusto templo muitos milhões de almas.

E é para notar que a somma de provas, o avultado numero de testemunhos e o valor intellectual dos observadores, constituem uma verdadeira revolução no despotico dominio do esteril preconceito ou da jatancia cathedratica, que vê desertarem do seu velho *Syllabus* os seus melhores ornamentos, hereticos contra o dogmatismo scientifico, mas representantes da numerosa pleiade de sabios de valor, a quem se deve o moderno incremento dos estudos experimentaes.

As phalanges dos estudiosos, inicialmente quasi desertas, foram se successivamente engrossando, e não ha mais quem possa negar que o Espiritismo avassalou o mundo.

E nem podia se prever outro resultado, pois o Espiritismo abrangendo o campo latissimo de acquisições scientificas nos dominios da chimica, da physica, da biologia, da astronomia e até da medicina, tem como principio, a existencia e sobrevivencia da alma após a morte do corpo, sem o que nenhuma sciencia pode prevalecer.

Submettendo-se aos processos do methodo positivo, iniciado por Bacon e erigido por Comte, Littré e outros, só elle garante a pesquiza da Verdade.

Todos os emprehendimentos realizados e que se forem realisando no terreno do animismo experimental, bem como os que se acharem na area do espiritismo propriamente, ou vulgarmente dito, serão lembrados por esta revista.

O escopo principal do nosso programma é demonstrar e propagar, que no homem existe um dualismo, composto de *corpo* e *espirito*, e esta demonstração não deve ser feita por méras especulações philosophicas, mas por meio de verificação experimental.

Estes estudos, indispensaveis á elevação humana e á vida social, constituem o maior legado ás gerações vindouras.

Por toda a parte do mundo congregam-se esforços para a divulgação da Idéa Espirita. Associações, federações de associações, congressos nacionaes e internacionaes, dão conta dos progressos que o Espiritismo vae realisando.

Entrando como parcella, embora insignificante, nesse concurso universal, nós julgamos impulsionar a cultura de um estudo, a tantos titulos salutar, atacando as fronteiras do desconhecido e pondo a descoberto uma faixa riquissima de noções indispensaveis á evolução da humanidade.

Que Deus nos ajude e permitta aos Genios Tutelares serem comnosco nesta obra de espiritualisação humana.

UM GRANDE ESPIRITA

As Experiencias de Victor Hugo — — As mezas que se movem

O poeta conversava com os seres do Além-Tumulo

O testamento espirita do exilado de Jersey

VICTOR HUGO, o grande poeta francez, foi sempre, como ninguem ignora, perseguido pela preocupação constante do *depois da morte*.

Foi em Jersey, no deserto que Victor Hugo fez as suas primeiras sessões de Espiritismo. Nessa terra do seu exilio, na sua deliciosa casinha de Marine Terrace, Hugo passava muitos dias e muitas noites a conversar com os Espiritos.

Cuidadosamente as actasde suas sessões eram escriptas em um livro especial e esse curioso documento foi encontrado por Paul Maurice, piedoso amigo de Victor Hugo e executor testamenteiro da bagagem litteraria do grande escriptor.

O livro de actas é quasi que do principio ao fim, uma série de dialogos entre Victor Hugo e seus invisiveis interlocutores, que não raro se diziam espiritos de grandes mortos. Estes, se ás vezes respondiam por banalidades, frequentemente tambem respondiam por notaveis poemas e por sublimes paginas de philosophia.

Sully Prudhomme o celebre poeta francez, membro da Academia, morto não ha muito, teve occasião de percorrer esse livro precioso de dialogos mediumnicos.

Victor Hugo — O grande poeta espirita

A sua opinião a respeito é das mais interessantes para a nossa causa. Prudhomme diz de facto, que as paginas espiritas de Jersey são, muitas vezes, iguaes, ás mais bellas de Victor Hugo, e *ás vezes mesmo superiores*.

As actas de Jersey eram escriptas pelo proprio punho de Hugo ou pelo de Augusto Vacquerie, amigo do poeta e seu iniciador no Espiritismo.

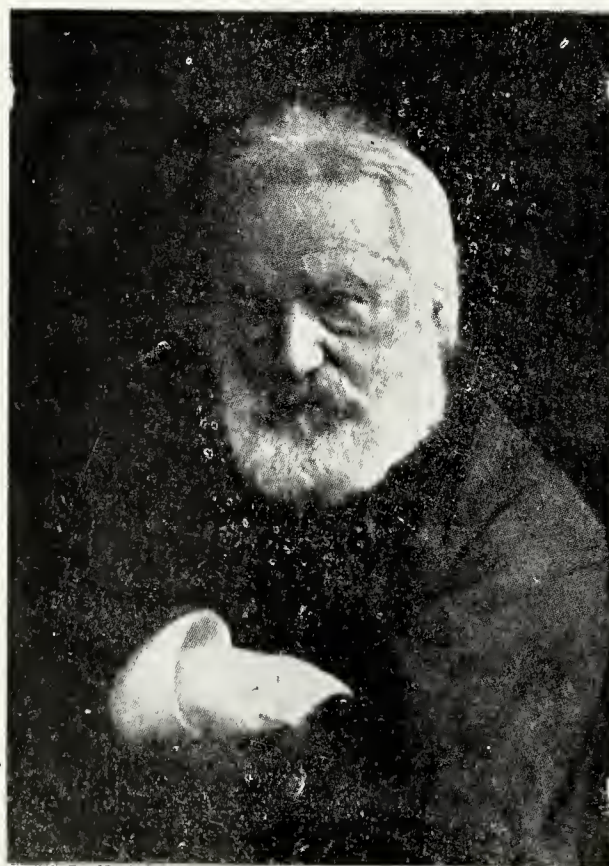
Toda a familia de Hugo se achava presente quando chegava a hora da conversa com o Além-Tumulo. Muitas noites foram passadas assim, as mãos estendidas sobre uma mesinha que indicava como de costume, por meio de pancadas, as lettras do alphabeto destinadas a formar palavras e depois phrases.

Varias celebridades da época frequentavam as sessões espiritas de Victor Hugo. Os mais assiduos eram entre outros, Vacquerie, o libertario hungaro Teleki, o general Le Fló, Jules Alexis e muitos outros.

Mme. Girardin essa, chegou a Jersey a 6 de setembro de 1853. Foi ella quem venceu as ultimas resistencias do poeta ás suggestões de Vacquerie, que pedia a Hugo tentasse ao menos corresponder com as almas dos desapparecidos.

Victor Hugo, porém, recusava de maneira peremptoria, porque via na interrogação dos mortos uma pratica que elle qualificava de — «sacrilega». — Entretanto o grande escriptor acreditava na possibilidade de uma conversação entre as «duas bordas do tumulo», para nos servirem da felicissima expressão de William Stead, e, com o correr do tempo, o Espiritismo nunca teve adepto mais fervoroso que Victor Hugo.

E as sessões de Jersey tornaram-se famosas.

Por varias vezes Vacquerie teve discussões acres com os Espiritos que se manifestavam. E quando mais tarde se lhe dizia que podia ser perfeitamente que Victor Hugo fosse o *communicante inconsciente* das respostas do invisivel, Vacquerie respondia: «Certo os espiritos de Jersey eram excepcionaes, extranhos, caprichosos. Que

importa! Eu accredito nelles, como acredito nos onagros.

Era impossivel que Victor Hugo fosse o autor das respostas do invisivel, porque só muito raramente elle tomava lugar na mesa, contentando-se com o assistir a sessão como simples espectador, ou como secretario encarregado de escrever as lettras á medida que a mesa as dictava.

Depois da chegada á Jersey de Mme. Girardin, as sessões tomaram uma nova feição, entretanto nas primeiras tentativas lançou-se mão de uma mesinha quadrada, sendo que o insuccesso foi completo; julgaram que a forma do movel «contrariava o fluido». Victor Hugo queria fazer cessar as experiencias porém, Mme. Girardin respondeu-lhe: «Os espiritos não são cavallos de praça á espera da bôa vontade do freguez; são livres e vêm a nós quando entendem chegado o momento opportuno». E, firme no seu intento, comprou num bazar uma mesinha redonda que, como a precedente, se conservou immovel.

Um dia, emfim, a mesinha teve um movimento. Essa sessão foi commovedora. Vacquerie pediu a entidade presente désse um significado da palavra em que elle pensava. «*Traduz*» — pediu Vacquerie — a palavra que tenho no pensamento». E a mesa respondeu: «Soffrimento». Vacquerie pensava: «Amor».

A essa interpretação intellectual do pensamento de um dos assistentes digno de toda a confiança o interesse dos experimentadores augmentou. «Quem és tú?» — perguntou-se ao espirito. E a mesa respondeu: «Leopoldina». Esse nome produziu uma viva commoção. Era o da filha que Hugo acabava de perder. Mme. Hugo chorava, Charles Hugo — outro filho do poeta, — interrogava a sua irmã.

Toda a noite se passou numa conversação angustiosa, mas consoladora, com a desapparecida.

A partir desse dia, as communicações realizaram-se com regularidade. Muitas vezes mesmo em pleno dia consultavam-se os espiritos. Esses marcavam, ás vezes, a hora da sessão seguinte e ninguem faltava ao *Rendez-Vous*.

Era rarissimo que Victor Hugo tomasse logar em torno da meza. O medium era, ora Mme. Hugo, ora seu filho Charles, que parece ter possuido uma certa força mediumnica.

Victor Hugo formulava as perguntas e registrava as respostas, *que as vezes desapprovava, recebendo mesmo, outras vezes, rudes licções dadas pela Entidade communicante* Isso não o impedia, todavia, de tratar com o maior respeito os seus correspondentes occultos, que se exprimiam em verso ou em prosa, e para os quaes Hugo se dava ao trabalho de improvisar estrophes ou tiradas philosophicas.

Como dissemos a alta sociedadade de Jersey frequentava a casa do poeta. Um jovem inglez tornara-se particularmente notado pela sua assiduidade. Um dia, o joven inglez em questão chamou á meza Lord Byron, o grande poeta inglez. Charles, que *não sabia inglez*, e que servia de mediium observou que ser-lhe-ia muito difficil acompanhar as lettras da communicação se essa fosse dada em inglez.

Byron não respondeu ao convite de seu compatriota; porém, decorridos alguns momentos, foi Walter Scott quem se manifestou em seu lugar, dictando os dois versos seguintes:

Vex not the bard, his lyre is broken,
His last song sung, his lasc word spoken

Como muitas das pessoas presentes ignorassem o inglez, a mesma pessoa que procurara attrahir á reunião o Espirito de Lord Byron traduziu nestes termos a communicação assignada por Walter Scott:

Não atormentae o bardo, a sua lyra está quebrada
O seu ultimo poema cantado, a sua ultima palavra dita

O Espirito communicara-se numa lingua desconhecida do medium.

* * *

Victor Hugo regressou espirita do exilio, convicto da immortalidade, e até o seu ultimo dia não cessou de corresponder com os seres de Além-tumulo. Muitas vezes o grande poeta, nas suas obras posteriores aos longos dias do exilio, fez allusão ás grandezas do invisivel.

O seu fim foi o de um verdadeiro espirita. Ninguem ignora, do facto, que o immortal poeta confessou a sua crença em Deus, porém recusou as orações da Egreja, preferindo ser chorado pelos pobres, aos quaes deixou uma grande somma de dinheiro.

O genial escriptor morreu com a certeza de que uma nova vida ia abrir-se para elle e que ia penetrar nesse Além-tumulo, no qual o haviam precedido tantos amigos e seres queridos que, emquanto o esperavam, lhe tinham, nas suas conversações mediumnicas, frequentemente manifestado a sua constante affeição.

Eis, finalmente, uma das esplendidas tiradas, deixada nas suas «Obras Posthumas», excellente dadiva dos grandes pensamentos, que constituem o testamento philosophico do autor dos Miseraveis:

— «O que é que faz o homem livre? A alma. Que diz livre, diz responsavel.

Responsavel nesta vida?

Effectivamente não, porquanto nada ha mais demonstrado do que a prosperidade possivel e frequente dos máus e o infortunio immerecido dos bons durante a sua passagem sobre a terra.

Quantos homens justos não tiveram só angustias e miserias até o seu derradeiro dia? Quantos homens criminosos viveram até a mais extrema velhice, no gozo pacifico e sereno de todos os bens deste mundo, nelles incluindo a consideração e o respeito de todos! É o homem, então, responsavel depois da vida? Evidentemente sim, pois que não o é durante ella. Alguma cousa, pois, delle sobrevive, para se submetter a essa responsabilidade — a alma.

A liberdade da alma explica a sua immortalidade. A morte não é, portanto, o fim de tudo. Ella não é senão o fim de uma cousa e começo de outra. Na morte o homem acaba, e a alma começa. Tome-se por testemunho o que considerar o rosto de um ente amado com essa anciedade extranha, feita de esperança e de desesperança. Digam esses que atravessaram essa hora funebre, a ultima da alegria, a primeira do luto, digam si não é verdade que bem se sente que ainda *ha alli alguem, que tudo não acabou?*

Sente-se em roda dessa cabeça como o fremito de azas que acabam de expandir-se: uma palpitação confusa e inaudita fluctua no ar ao redor desse coração que não bate mais. Essa bocca aberta parece chamar o que acaba de partir e dir-se-ia que deixa cahir palavras obscuras no Mundo Invisivel.

Eu sou uma alma.

Bem sinto que o que darei ao tumulo não é o meu Eu, o meu Ser. O que constitue o meu eu, irá além.

Terra, tú não és o meu abysmo.

O homem outra cousa não é senão um captivo.

O prisioneiro escala penosamente os muros da sua masmorra, trepa de saliencia em saliencia, colloca o pé em todos os intersticios e sóbe até ao respiradouro. Ahi, olha, distingue ao longe a Campina, aspira o ar livre, vê a luz.

Assim é o homem.

O prisioneiro não duvida que encontrará a claridade do dia, a liberdade; como pode o homem duvidar si vae encontrar a Eternidade á sua sahida? Porque não possuirá elle um corpo subtil, ethereo, de que o nosso corpo humano não póde ser senão um esboço grosseiro?

A alma tem sêde de absoluto e o absoluto não é deste mundo. É por demais pesado para esta terra. Ha duas leis a lei dos globos e a lei do Espaço. A lei dos globos é a morte. O limite exige a destruição. A lei do Espaço é a Eternidade. O Infinito permitte a expansão.

Entre os dois mundos, entre as duas leis, ha uma ponte: a transformação. A ambição do vivo dos globos deve ser, pois, tornar-se um vivo do Espaço.

O mundo luminoso é o Mundo Invisivel. O Mundo Luminoso é o que não vemos. Os nossos olhos carnaes só veem á noite. Ah! do que vive com os olhos abertos sobre o mundo material e com as costas voltadas para o mundo desconhecido!

A morte é uma mudança de vestimenta.

Alma, tu estavas vestida de sombra, vaes ser vestida de luz. É no tumulo que o homem faz o ultimo progresso.

Na morte, o homem fica sendo sideral. A morte é a vindicta da alma. A vida, é o poder que tem o corpo de manter a alma sobre a terra, pelo peso que faz nella. A morte é o poder que tem a alma de arrebatar o corpo fóra da terra pela assimilação.

Na vida terrestre, a alma perde o que irradia; na vida extra-terrestre, o corpo perde o que pesa.

A morte é uma continuação. O meu olhar penetra o mais que é possivel nessa sombra, onde vejo, a uma profundidade que seria amedrontadora, se não fosse sublime, dealbar-se o immenso arrebol da eternidade.

As almas passam de uma esphera a outra, tornam-se cada vez mais luz, approximam-se cada vez mais e mais de Deus.

O ponto de juncção é no infinito.

O que dorme e desperta, desperta e vê que é homem. O vivo que morre, desperta e vê que é espirito».

O Espiritismo e a Fé

Por mais influencia que venha o Espiritismo exercer sobre o futuro das sociedades, não se julgue que substitúa elle sua autocracia a outra ou que imponha leis — isso não fará, porque, proclamando o direito absoluto da liberdade de consciencia e do livre-arbitrio em materia de fé, elle quer que a sua crença seja livremente acceita, ou acceita por convicção e não por fé — imposta.

Por sua natureza, elle não póde nem deve exercer pressão alguma — pois proscreve a fé-céga e quer ser comprehendido.

Allan-Kardec

O Pró e o Contra na Questão da Sobrevivencia

A possibilidade da sobrevivencia sob o ponto de vista scientifico.

Meu bom e eminente amigo, o Professor Richet, apresentou uma exposição admiravel, um resumo synoptico dos phenomenos estudados pela Pesquiza psychica, sob o ponto de vista d'um materialista erudito, e os grupou em sua importante obra «Traité de Metapsychique». Seu trabalho não seria acceito pela grande maioria de seus collegas que, não estando ao par dos factos, são, por isto mesmo, relativamente ignorantes; mas é interessante notar que, si bem elle esteja ao corrente dos factos, cujos verdadeiros aspectos estão em conflicto com o materialismo, M. Richet continúa ainda assim materialista.

Nenhuma censura se subentende aqui: trata-se de uma posição definida e philosophica. E' bom ver esta posição sustentada com competencia, tanto para os phenomenos interessados na questão, quanto para o que toca a nossa acceitação ou á nossa rejeição da possibilidade ou da plausibilidade da sobrevivencia humana.

Si a fortaleza do Prof. Richet póde ser tomada de assalto, é pouco provavel que um successor qualquer possa se fixar n'uma fortaleza de solidez igual.

Richet dá provas de um espirito notavelmente franco, porque diz: «Eu nada nego»!

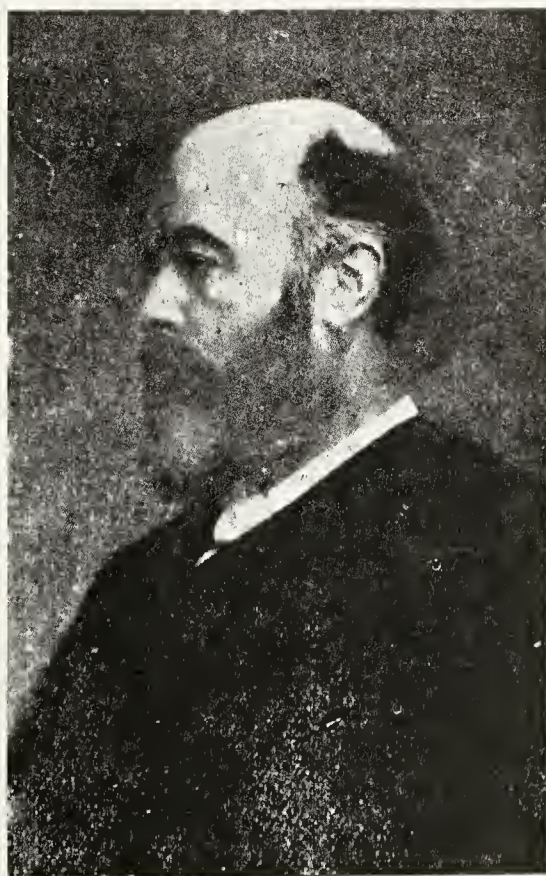
Por outro lado, elle se mostra um agnostico perfeito, quando diz que nós estamos immersos na profunda obscuridade e que nenhuma chave possuimos destes mysterios.

Mas eis aqui, justamente, onde me acho em desaccordo com elle. Eu tenho o espirito menos aberto que elle, porque nego muito; sou menos agnostico, porque tenho uma hypothese de trabalho que desejo, ou verificar ou destruir.

Presentemente, bem que o Prof. Richet esteja ao par dos factos, dir-lhe-ei que não está ao par da minha versão, do ponto de vista «espirita», Eu podel-a-ia chamar «nossa theoria», salvo não me assistir o direito de alistar outrem n' uma posição disputada e pouco orthodoxa. Porque estaria elle sciente do meu ponto de vista? Mesmo quando tenho formulado minhas opiniões theoricas, as tenho feito sempre de maneira vaga e apologetica, porque as quero confrontar com os factos e porque quero me fundamentar sobre os mesmos factos, de preferencia a uma qualquer opinião ou theoria preconcebida extranha aos factos.

Mas com o meu amigo Prof. Richet é preciso seguir outra orientação. Inutil é importunar insistindo sobre os factos, si bem que de alguns dentre elles, de ordem subjectiva, eu tenha uma opinião mais consentanea que a sua, assim como na ordem objectiva elle tem tido vantagens que eu não tenho tido. O que o perturba inteiramente é a falta de theoria. Elle afronta corajosamente o vacúo; não procura tecer hypotheses antagonistas; contenta-se em dizer que os factos são mysteriosos, inexplicaveis e um tanto «insanos» quando interpretados conforme a sciencia orthodoxa os ousa interpretar. E é bem assim que parece, com o limite a que a sciencia orthodoxa se impôz.

Ainda mais loucas devem parecer nos-

sas theorias a seu respeito. Mas os factos novos pedem uma nova theoria para sua interpretação. Ha cousas no universo, as quaes a sciencia biologica não tomou ainda em consideração. Se algum dia ella chegar a tomar em consideração um outro factor da vida physica, então verificará que as difficuldades desapparecerão gradualmente. E o mesmo Richet sentirá, cedo ou tarde, que pode achar uma chave para esses factos, uma linha na qual os poderá enfileirar, um ponto de vista que lhe permitte de os interpretar de uma maneira mais agasalhadora e menos perturbada.

Não é preciso admirar que, do seu ponto de vista actual, estes factos parecem extranhos, perturbadores, mysteriosos e incriveis. O admiravel é, que a sua lealdade, ao par dos factos e da verdade, lhe permitte de os acceitar como fazendo parte das realidades do Universo. Elles fazem, com effeito, parte mas ha outras cousas que são tambem a realidade. E quando nós tivermos acceito o Ether e o incorporarmos ao nosso systema, — esta cousa que actualmente a sciencia biologica ignora completamente, como, de resto, todas as sciencias, exceptuando uma metade da Physica, — então o horisonte começará a se esclarecer, o nevoeiro desapparecerá, e uma estrella, ou mesmo um sól, virá illuminar a nossa obscuridade. Eu disse que tenho mais a negar que a affirmar. O Prof. Richet se abstém de negar, mas algumas de suas asserções são temerarias. Elle nega com hesitação; affirma com vigor. Procedimento, de todo, admiravel; mas nessa conjunctura, terei a temeridade de seguir um caminho opposto. Vou negar com vigor e affirmar com hesitação. Somente num alvo de claridade e de presição, creio preferivel de exprimir minhas affirmações sob uma forma positiva e dogmatica que, sem esta explicação preliminar não estaria de accordo com a natureza do objecto. E devo esperar que os meus criticos comprehendem bem que, quando abandono as negações pelas asserções, não formulo do mesmo modo senão uma hypothese de trabalho, fazendo unicamente um esforço para construir uma concepção racional das leis e principios da sobrevivencia humana.

A evidencia para a sobrevivencia, deve se basear no seu proprio valor, tanto quanto a hypothese, sem ser entravada pelas superstições triviaes.

Tenho a negar e a repudiar algumas destas superstições, d'uma maneira solemne e, neste terreno, eu sei que estou de accordo com os espiritos mais rasoaveis.

O Prof. Richet, e talvez, outras pessoas no campo physiologista — parecem desejosos de transformarem estas superstições dos seculos das trevas» á éra scientifica, mas não se pode acceitar esse modo de proceder. O assumpto é bastante difficil em si, com estas complicações impossiveis e inuteis.

A minha primeira negação é então dirigida contra a «resurreição de um corpo».

Durante seculos a humanidade se acostumou a pensar nos mortos, como se elles estivessem enterrados num sepulchro esperando qualquer acontecimento futuro, e os que acceitavam esta particularidade eram, naturalmente, pouco propensos, e alliar a fé nas apparições dos defuntos, a menos que não fosse possivel encontrar seus tumulos vasios.

Hoje julgamos absurda a idéa de um corpo resuscitado e errante; portanto, a historia das crenças populares nos mostra que tal opinião era corrente; algumas vezes concebia-se o corpo de um suicida, para garantir o seu repouso difinitivo. A razão desta pratica absurda é sem duvida, analoga á idéa do Prof. Richet, a saber — que a personalidade estava ligada tão intimamente ao corpo material, que toda a apparição posthuma, visivel ou tangivel, não se podia explicar, senão pela utilisação do referido corpo. Durante a Idade Media mesmo, certos padres da Egreja não podiam separar a idéa de uma resurreição final, da noção de um tumulo abandonado, d'uma collecção de particulas originaes do corpo, duma reconstitução dessas particulas em orgãos, em seguida d'uma revivificação.

Mas, os factos nenhuma justificação permittem de semelhante idéa, e os que sustentam o ponto de vista «espirita» desejam como o physiologista, que não se admitta sem reserva tudo o que concerne a desintegração posthuma, a decomposição, a incineração, etc. As concepções materialistas que sobrevivem ainda das crenças populares devem ser inteiramente abandonadas. Si se acha que uma apparição ou um phantasma possúe traços e marcas physicas do instrumento material abandonado, então é preciso acceitar o facto e, como é necessario, procurar algures uma explicação. Nenhuma explicação baseada sobre a revivificação de um cadaver pode ser, um só instante, acceita.

Isto parece, na verdade, a explicação nova e clara, mas á luz dos modernos conhecimentos, deve ser posta de lado e considerada caduca.

Quando nós affirmamos que os factos sustentam a doutrina da sobrevivencia, não é por ISTO que entendemos.

As praticas egypcias antigas e suas idéas sobre a morte, deviam ter sido desa-

gradaveis e dolorosas. A noção de que a alma sobrevivente ou *Ká* tinha necessidade de alimentação, de utencilios e apparelhos, que se depositava no tumulo nesta intenção e para sua commodidade, eis uma idéa bem infantil da humanidade, que tem causado muita pena aos sobreviventes, especialmente aos sobreviventes pobres, quando meditavam se não seriam obrigados a qualquer cousa essencial, ou se não teriam negligenciado o indispensavel para tornar agradavel a existencia futura do sêr caro desapparecido.

As crenças ecclesiasticas da Idade Media eram, de certo modo, superiores a isto, Podia ser penoso enterrar a pessoa amada no frio e no escuro para os seculos sem fim ; mas, em todo o caso, existia a crença que o elemento material ficaria em paz até o seu despertar, e da sua reconstituição pelo Poder Divino. Era-se muitas vezes atormentado e perturbado sobre a sorte da alma que podia, dizia-se, ficar em sofrimento sem auxilio sobrenatural da evocação do padre. Esta tem dado motivo a tantas dores, porque no fundo ellas não eram superiores ás crenças egypcias da antiguidade. Sabe-se, apezar d'isso, que a phrase «resurreição dos corpos» é susceptivel de uma interpretação rasoavel para os crentes, como, por exemplo, aquella que eu expliquei no meu livro: «*OHOMEM E O UNIVERSO*» e na terceira parte do «*RAYMOND*». Mas. a sciencia nada tem com as praticas ecclesiasticas. O seu dever é examinar os factos sob um ponto de vista inteiramente novo e differente. Nós devemos pretender, e pretendemos que o corpo physico, logo que concluiu a sua obra, fica completamente abandonado e acaba, que seus atomos podem servir ainda para outras formas da vida e que nenhuma especie de personalidade ou de identidade lhe fica associada.

Quanto ao saber no que se torna a personalidade, e o que, depois da morte, lhe serve, para o futuro, de instrumento, é uma cousa que é preciso investigar, e que é preciso adiar.

Nenhuma preoccupação cultual se deve misturar a este estudo ; é, francamente, uma pesquiza scientifica a fazer. Pode ser que nós ignoraremos o que virá a ser a personalidade, mas é possivel, apezar de tudo, imaginar em uma hypothese de trabalhos.

Uma hypothese deste genero se forma no meu pensamento : sua genese se encontra nos escriptos de São Paulo, de Clemente de Alexandria, de Origenes e de outros padres da Egreja. E' bem provavel que suas idéas n' aquelle tempo, fossem condemnadas como hereticas, mas isso não prova que ellas eram falsas.

Para evitar os malentendidos eu desejo fazer observar que todas as minhas advertencias se referem aos corpos communs e ás pessoas vulgares. Se existe um caso de um «corpo» excepcional, pedindo um estudo especial, e si, verdadeiramente, *um sepulchro* estava vasio, é um caso que eu não abordarei aqui ; pode ser que eu possa dizer mais, em tempo e em lugar mais propicio. Por óra eu trato da questão das apparições e da sorte dos homens vulgares. Os factos nos fazem suppôr, que, por vezes, elles apparecem depois da sua morte, mas o que é certo, é que o corpo physico fica no sepulchro ou em qualquer logar onde os sobreviventes collocaram-n'o. Si se admitte franca e inteiramente este ponto, põe-se fóra de discussão uma explicação materialista e grosseira e o terreno fica então desembaraçado. Depois a pesquiza pode seguir livre desses impecilios de crenças antiquadas. Nunhuma sobrevivencia do corpo physico existe. Entretanto nós que julgamos nos acharmos, ás vezes, em communicação com personalidades sobreviventes, temos sido informados por estas, que ellas possúem «corpos» tão reaes e substanciaes como outr' ora ; que se acham identicas a um gráu semelhante que mantém a mesma apparencia, o que lhes permitte conhecerem-se e que é por meio desses corpos ou instrumentos de manifestação que elles vêem uns aos outros e é assim que elles, com o auxilio desses corpos se acham, algumas vezes, em condição de se communicar comnosco.

Como conciliar estas asserções com a que precede ? É ahi justamente que intervem a minha hypothese de trabalho, hypothese que não é acceita só por mim, mas por muitos outros que caminham ás apalpadelas na mesma direcção ; hypothese que nós podemos lêr em muitas palavras de São Paulo, o que nos faz pensar que este genio inspirado a tinha entrevisto, embora não pudesse exprimir nos termos que nos conviriam.

Si eu sou tentado a chamar «minha hypothese» é porque (condições psychicas á parte) eu fiz um estudo do Ether, do Espaço, de toda a Vida. Ella me parece, assim, uma entidade mais familiar, substancial e pratica, que para muita gente que não estuda não o é, e tambem para quem ella apresenta «um não sei que» de indefinido, vago e imaginario.

Entre os homens de sciencia o Ether não tem sido estudado senão pelos physicos, e mesmo para estes ha excepções. Elle tem sido negligenciado pelos chimicos, e não tem, provavelmente attrahido a attenção dos biologistas e physiologistas de ne-

nhuma escola. Apesar disso si o Ether é uma realidade do Universo, pode ser que seja dotado de funcções chimicas e biologicas, assim como das funcções physicas conhecidas da sciencia.

Nós o conhecemos familiarmente nos phenomenos da Luz, da Electricidade, e do Magnetismo. Começamos a associal-o tambem definitivamente á Elasticidade, á Cohesão, á Gravitação e, gradualmente, aprendemos que a maior parte da Energia do Universo e, certamente, toda a energia potencial lhe pertence e não á Materia.

A materia atomica é uma cousa, mas o Ether é outra cousa; estes dois elementos estão, talvez, em acção; de facto, estão. O vinculo entre elles é a Electricidade. Mas se nunca houvesse possibilidade de os unificar admirando-os como manifestação distincta de um *unico* Principio, não ha duvida sobre o qual seja o mais importante. O Ether é o elemento fundamental; a Materia é um elemento, provavelmente composto das modificações do Ether. No fundo, tudo isto é da physica orthodoxa, salvo na prova que não está igualmente feita para que todos os physicos sejam forçados a admittir.

Pode existir divergencias legitimas de opinião, mas isto é um ponto de vista scientifico bem reconhecido e racional. Está bem fundado na deducção dos factos e inteiramente independente de considerações psychicas.

Supponhamos, então para a discussão, que admittimos o Ether e o Universo physico dotado destas funcções que a maior parte dos physicos lhe attribuem, nesse caso se apresenta uma questão precisa; não se deve levar em conta as discussões philosophicas e em ultima analyse, a mesma theoria biologica?

Para explicar tudo isso que eu disse seria preciso um volume. Nesta discussão preciso ser breve e manifestar-me mais hypothetico do que sou em realidade. Mas quando abordamos a Biologia, somos forçados a ser hypotheticos, e a hypothese do trabalho que eu exponho, deve ser acceita sem resistencia até que se encontre os factos, que estudados por longo tempo e com cuidado, são capazes de estabelecer e de servirem de chave racional dos phenomenos que muito reaes, nos parecem apparentemente inexplicaveis.

Para o Prof. Richet os factos parecem completamente inexplicaveis. Elle tem impressão de que trabalha na obscuridade e que «a unica affirmação prudente consiste em dizer que verdadeiramente nada sabemos, absolutamente nada do Universo».

Sob este ponto de vista, meu agnosticismo é menos profundo do que o seu. Eu sinto que temos uma idéa e não ha quem saiba si ella é ou não digna da nossa confiança senão seguindo-a. Não importa que a chave tenha mais valor que tudo. Factos isolados sem serem ligados por uma theoria, são, para assim dizer, seres indoceis e desconcertantes. Não se pode consideral-os como pertencentes á sciencia, que é um systema de conhecimentos organisados.

E a razão que os Biologistas são em geral tão hostis é que, faltando-lhes a chave, sua consciencia repugna mesmo os factos.

Toda a honra do Prof Richet é que, apezar da sua repugnancia, elle esteja prompto a acceitar os factos; mas me parece que os envolve de difficuldades inuteis, insistindo só sobre a materia; nunca os comprehenderá por concepções sómente materiaes. Rigorosamente falando nada podemos comprehender se nos limitamos unicamente ás concepções materiaes. Concentrando-nos só sobre a materia, eliminamos dos nossos pensamentos a maior parte do Universo. Este contém outras cousas além da materia, como sejam o magnestimo, a electricidade, a luz, o ether; contém tambem a vida, o pensamento, o espirito, a consciencia, a memoria, a personalidade, o caracter. Nenhuma destas cousas é material; entretanto, cousa assaz bizarra, algumas dellas entraram em associação com a materia pelo curioso processo da Incarnação.

E' verdade que, durante um certo tempo, Intelligencias habitam corpos materiaes que por meios apenas conhecidos, ellas tem inconscientemente construido. É evidente que existe um Principio Formador, capaz de operar com os atomos da materia, ou antes com as moleculas mais complexas nas quaes se acham já grupados os atomos. Assim, graças à Energia que estas moleculas recebem do sol, entidades não materiaes são capazes de se manifestar normalmente, em associação com a materia.

A ligação é tão intima que nós temos aprendido a indentifical-as aos modos materiaes da manifestação e somos levados a suppôr que ellas não podem existir por si.

Ignoramos porque ellas tem necessidade de uma habitação ou de um instrumento pertencente ao universo physico, mas podemos suppor que isto não lhes falta por uma razão desconhecida. Sabemos que ellas se servem da materia, si bem que não saibamos porque, nem como. Mais os factos demostram actualmente que a associação com a materia não é essencial, um *sine qua non* para a sua existencia.

Podemos suppôr que ellas podem se servir de outra cousa, se os factos nos dão esta indicação.

(a seguir) OLIVER LODGE

OS PRESENTIMENTOS DE CATULLE MENDÈS

Em 1904 morria, em Paris, victimado por uma tuberculose pulmonar, o grande poeta Albert Samain.

Dia seguinte ao das suas exequias, a que todo o Paris intellectual acorrera, Catulle Mendès, o illustre poeta da origem portugueza, cuja obra é mundialmente conhecida, jantava em casa de amigos seus, na rua S. Petersburgo, em Paris.

A conversação cahiu, naturalmente, sobre a desapparição de Albert Samain.

— Foi uma morte analoga à de Alfred de Mussef e digna de um romantico! disse alguem.

— É facto — respondeu Catulle Mendès — cuja philosophia de bom humor era legendaria. Porém, não era assim que eu desejaria morrer.

— Como era, então, mestre?

— Á mesa! — replicou alegremente Mendès. De resto eu já exprimi em versos esse desejo!

— E com vóz sonora, o poeta declamou os versos seguintes de sua composição:

Bonjour, mort ! Quelle haridelle !
Tu n'es pas belle, nom de nom !
Bah ! J'arrose ton asphodèle
D' um dernier verre de Chinon !
Encore un rondel pour Manon,
Encore, sans funebre tirade,
Um baiser dans l'or d'un chignon !
Quand tu voudras, ma camarade !

(Bom dia, morte ! Que munia !
Com franqueza, tu não és bella
Não importa ! Rego o teu asphodelo
Com um ultimo copo de Chinon !
Ainda uma rolondilha em honra de Manon,
Ainda, sem funebre tirada,
Um beijo, numa nuca dourada !
Ao teu dispor, minha camarada !)

E, tendo esvasiado o copo, o poéta com o olhar perdido no vago, accrescentou:

— Ah! mas não será assim que eu morrerei!

Quando penso na minha morte, tenho os olhos como uma visão de horror! Parece-me que morrerei numa catastrophe, num incendio de theatro, num *desastre de caminho de ferro !*

***

Algum tempo depois do episodio que acabamos de narrar, alguem lembrava ao poeta outros versos em que Mendès, no seu poema La Grivedes Vignes, cantava o seu pouco temor da morte, por causa das lembranças da sua primeira canção de amor.

— Podesse eu morrer como cantei, suspirou Mendès . . .

Mas não terei essa felicidade! Desgraçado de mim. Tenho amado a belleza das flôres, o encanto da luz, as mulheres e o vinho, morrerei de uma morte horrivel, sozinho, mergulhado nas trevas da noite! . . .

***

No dia 8 de fevereiro de 1908, ás quatro horas da manhã, sob o tunnel de Saint-Germain, o cadaver de Catulle Mendès era encontrado pelos guardas da linha. A caixa craneana fôra quebrada como uma noz e a materia cerebral tinha espirrado por todas as fendas. O poeta tivera, alem disso, uma clavicula e uma perna cortadas pelas rodas do comboio.

O infeliz estava vestido de casaca e a sua bengala e a sua cartola achavam-se ao lado do cadaver.

Mendès voltara de uma recepção mundana. Na Vespera tomára o trem de meia noite, para voltar para Saint-Germain, onde morava. Tendo adormecido, acordou muito provavelmente quando o comboio se aproximava da estação dessa cidade, e como sob o tunnel o trem diminue sensivelmente a marcha, Catulle Mendès, acreditando se perto do cáes do desembarque, preparava-se para descer, illudido, talvez, pelas luzes que elle tomou pelas da estação. E foi, segundo toda a probabilidade, dessa maneira que se enganou e cahiu, morrendo de uma morte atroz, sozinho, mergulhado nas trevas da noite, como elle proprio o annunciara.

O Espiritismo ao ar livre

Os "Camp-Meetings" Espiritas

Ninguem ignora os progressos que o Espiritismo tem feito em todo o mundo. Pode-se dizer que não existe um lugar do planeta em que os Espiritos não tenham feito prevalecer a sua benefica influencia, attrahindo as almas para a vida na Immortalidade. Mas onde o Espiritismo conta maior numero de adeptos e admiradores é nos Estados Unidos da America do Norte.

E é muito razoavel que assim seja, porque, como sabem os cultores do Espiritismo, foi na America do Norte, na humilde aldeia de Hysdeville, aldeia esta situada no condado de Wayne, circumscripção de Arcadia que, por intermedio das irmãs Fox, os Espiritos deram as primeiras manifestações na linguagem typtologica, ou seja por meio de pancadas, prendendo a attenção dos homens para uma nova ordem de phenomenos que vinham iniciar a humanidade na trilha do dever que conduz á Perfeição.

A partir dessa época uma grande parte do povo da União Americana tomou verdadeiro interesse pelos phenomenos mediumnicos, chegando a forçar os sabios americanos ás pesquizas, e d'ahi á fundação de associações de Estudos Psychicos, taes como existem muitas na America do Norte.

O Lago Colby, onde se acha o «Camp» (Perto do Lago Helem, Florida)

Aquelles que conhecem o genio americano sabem que o que caracterisa esse povo, é a idéa de grandeza, elles sentem uma necessidade irresistivel de fazer tudo em ponto grande e ainda mais, de crearem emprezas fora do commum, exquisitas mesmo, vamos dizer, que não apresentam caracter de similaridade.

E' assim que deliberaram a creação dos «camp-meetings» espiritas, onde manifestam as suas convicções em reuniões-colosso que se realisam em épocas determinadas

Attrahidos pelas manifestações da Natureza, elles acham que o lugar propicio ás grandes manifestações do pensamento é o da Natureza, e varias pessoas deram inicio á fundação dos «camp-meetings», sendo que o primeiro, fundado á margem do pitoresco Lago Pleasant, no Estado de Massachusset, a cem milhas de Boston foi inaugurado em 1873. De facto, é um sitio encantador e, desde então, centenas de moradas foram construidas na encosta das collinas que cercam o Lago. Quando o estio chega, essas habitações são invadidas pelos nossos confrades americanos e um verdadeiro acampamento espirita, ou mais ainda, um minusculo Paiz-Espirita se improvisa em torno do poetico e tranquillo Lago.

Depois de 1873, a moda dos «camp-meetings» espalhou-se e, em quasi todos os Estados, foram organisadas reuniões identicas.

A partir de Maio até Outubro, esses lugares de reuniões espiritas campestres são frequentadissimos. Em troco de uma somma modica, os viajantes podem viver nos hoteis e *cottages* que formam os «*camp-meetings*» transformados, com o andar dos tempos, em verdadeiras emprezas sabiamente organisadas.

Todas as mediumnidades possiveis e imaginaveis se encontram reunidas em um *camp-meeting*. Um serviço de informações dos mais completos é organisado e o viajante, que acaba de chegar, sabe immediatamente em que ponto do «Paiz-Espirita» pode encontrar um medium de incorporação, typtologia, escripta automatica, escripta sobre ardosia, «trompette,» transporte, effeitos photographicos, etc., etc.

Quotidianamente conferencistas de nomeada fazem ouvir a sua palavra a mi-

lhares de auditores, que bebem os seus ensinamentos a largos tragos, e que pelo pensamento se elevam ás mais altas espheras.

Os *Camp-meetings* nos Estados Unidos contam-se actualmente por centenas. As conferencias são methodicamente traçadas e seguem um programma ascendente, do qual cada assumpto é tratado a seu dia.

Na grande calma da natureza, ao abrigo das arvores

Alguns edificios de um «camp» perto do Lago Helem

O «Camp-meeting» espirita de Onset bay

seculares esses espiritos esquecem-se por um instante a agitação das cidades. Experimentam uma grande quietitude, e naturalisados cidadãos d' um «Paiz» nascido quasi por milagre vivem à moda da terra; fraternalmente, igualmente, de accordo com a applicação exacta das idéas de simplicidade e igualdade, lembradas pelo Christo.

Os *camp-meetings*, não ha duvida, exercem uma influencia salutar sobre os que querem com sinceridade penetrar os mysterios do homem e da Natureza. Além disso a conformidade das crenças faz com que cada um dos participantes dessas colossaes reuniões tire uma força maior de pensamento do exemplo dos seus visinhos.

A variedade de mediumnidades reunidas nos *comp-meetings* dá tambem de seu lado interessantissimos resultados, pois que os mediuns, encontrando-se em meios tão favoraveis, as suas faculdades tomam um incremento prodigioso.

No nosso paiz é bem difficil que a idèa dos *camp-meetings* seja levada a effeito, mas chegará o dia dessas estações balnearias, completamente transformadas, servirem de meios de instrucção, de retiro espiritual, onde os «banhistas» e os «veranistas,» encontrarão o descanço para o corpo e o recreio para o espirito, além do completo restabelecimento da saude.

A PERFEIÇÃO

O amor géra a perfeição de todas as cousas, pois elle mesmo é a perfeição.

O espirito é votado á conquista dessa perfeição, que é a sua essencia e o seu destino, Elle deve, por seu trabalho, approximar-se da intelligencia soberana e da infinita bondade; deve, portanto, revestir progressivamente a forma mais perfeita que caracterisa os seres perfeitos.

Pamphilo.

Casos apparentes de reminiscencias de vidas anteriores

A REVISTA hindú *Kalpaka*, nos dá a noticia recente do resultado de uma «enquête,» sobre o caso de reminiscencias das vidas passadas, phenomenos observados em quatro meninos, pelo Dr. Rao Bahadur Syam Sunderlal.

A «enquête» foi ordenada por S. A. o Mahajarah de Bhartpur, tendo sido feita com perfeito conhecimento scientifico.

* * *

1.º CASO DO MENINO "PRABBU"

O caso deste menino me foi indicado por S. A. o Maharajah de Bhartpur no mez de agosto de 1922.

Elle tem o nome de *Prabbu* (brahamane), é filho de Khairati (brahamane). de Salimpur (Estado de BHARATPUR) e no momento da «enquête» tinha 4 annos-7 mezes e 18 dias de idade.

Depois que começou a falar, *Prabbu* contou a seu pae as lembranças que pretendia ter de uma existencia anterior. A «enquête» a esse respeito comporta duas phases: na primeira, o menino foi interrogado mesmo na casa de seu pae, no mez de março de 1923, pelo *naib* Thesildar. Na segunda, o menino, a meu pedido, foi conduzido á Hatyori, cidade onde pretende ter vivido em sua ultima existencia. O Thesildar de Weir, levou-o em sua companhia e chamou immediatamente quatro das principaes notabilidades da cidade: Dharam Singh Foujdar, com 60 annos; Foujdar Azmat Singh, com 50 annos; Foujdar Sam Singh, 73 annos e Harknath Brahmane, com 40 annos. O menino e o Thesildar chegaram á noite e as notabilidades da cidade foram levadas á presença do menino dia seguinte a 1 hora. O menino foi interrogado na presença delles.

Eis aqui, palavra por palavra, as declarações do menino, feitas, seja em casa de seu pae, seja em presença dos notaveis de Hatyori e a resenha controlada dessas declarações :

DECLARAÇÕES DO MENINO	CONTROLE DAS DECLARAÇÕES
A) EM CASA DE SEU PAI.	
1.º — Eu era, em minha vida precedente *Harbux*, brahmane, da cidade de Hatyori, no Bhartpur.	E' exacto que um individuo chamado Harbux, filho de Muhde, havia morado em Hatyori e morreu ha cinco annos, mais ou menos.
2.º — Eu tinha dois filhos, *Ghure* e *Shyan Lal* e duas filhas *Kohila* e *Bholi*; uma casou com *Ramhet*, de *Khorli*, outra *Gokal* de Navar. Eu recebi dinheiro pelo casamento da primeira, mas consenti o matrimonio da segunda sem indemnisação pecuniaria alguma.	Todos esses detalhes são completamente exactos.
3.º — Eu tinha uma casa em Hatyori.	Exacto.
4.º — A casa de *Swarupa Jat* era contigua á minha.	Exacto.
5.º — *Swarupa Jat* tinha um filho e uma filha.	Exacto.
6.º — Havia uma vereda elevada calçada de pedras.	Exacto.
7.º — Havia um açude, no meio do qual existia uma casa e acima do açude um Chhatri (cenotaphio com cupola.)	Exacto em todos os detalhes.

Declarações	Verificação
8.o — Haviam duas casas ahi, uma sobre outra no açude.	Exacto.
9.o — Hatyori tinha poços de agua potavel:	Exacto.
a) *Panhariwala*, sombreado por duas figueiras sagradas;	O poço Panhariwala é com effeito, sombreado por figueiras sagradas.
b) *Kankarwala*. sombreado por ameixeiras;	O poço Kankarwala é secco e ja estava secco no tempo de Harbux. As ameixeiras que sombreavam desappareceram; não resta senão uma figueira.
c) *Mooliwala*, sombreado por mangueiras.	O poço Mooliwala é desconhecido. Existe um poço *Jhasroyawala*, sombreado por uma mangueira e uma figueira.
10.o — Eu tinha um *Gujar* da aldeia de Bhore como Jayman.	Esta allegação não poude ser controlada.
11.o — Ha uma inscripção numa fortaleza onde existe uma serpente.	Na fortaleza não existe, nem inscripção, nem serpente, mas ha là uma legenda na aldeia. Harbux devia nella crer como os seus compatriotas.
12.o — No anno da fôme (Sambat 934) eu estava em Hatyori e tinha uma junta de bufalos com a qual cultivava meus campos.	Exacto.
13.o — Eu morri na vivenda de meu pai, em um bungalow fora da aldeia.	Errado. Harbux morreu em sua casa da aldeia, depois da morte de seu pae.
14.o — Eu vivi depois da minha morte no mundo espiritual (o mundo de Deus).	
15.o — Fantasia infantil sobre a divindade.	
16.o — Deus me disse que fosse á *Salimpur* (actual lugar do meu nascimento).	
17.o — O nome de minha mulher era *Ganjo* (que significa calvo)	Sua mulher se chamava Gauron, mas davam-lhe o apellido de Ganjo, porque ella era um pouco calva.
18.o — Meu pai chamava-se *Mudhe*.	Exacto.
19.o — Meu tio materno vivia em *Bugaon*.	Exacto.
20.o — Meu sogro morava em *Burhwari*.	Exacto.
21.o — *Moola Jat* cahiu em meu poço, e eu pude tiral-o são e salvo.	Não se poude controlar o feito. Ninguem na cidade delle se lembrava.

O Tehsildar nota que o menino emquanto se o interrogava, punha se a sorrir e a falar como um bébé.

B) DECLARAÇÕES FEITAS EM HATYORI NA PRESENÇA DOS NOTAVEIS:

Declarações	Verificação
O menino confirma todas as declarações precedentes e accrescenta cousas ineditas taes como estas: Elle tinha tres irmãos: 1.o *Gilla*, que lhe sobreviveu;	Harbux não tinha senão um irmão, *Sheobux*, mas *Ghunni* e *Gilla* eram seus primos irmãos (filhos de seu tio *Bhola*)
2.o — *Ghunni*, cuja morte precedeu à sua;	Ghunni morreu bem antes de Harbux.
3.o — O nome do 3.o irmão elle não se recordava mais	Não se poude encontrar uma confirmação deste feito.
Elle encontrou um dia uma serpente na capoeira, hypnotisara-a, depois batera-a contra uma arvore matando-a.	

Elle era *Purohit* da aldeia de Bh....

Elle declarou não se lembrar de outros nomes dos membros de sua familia, senão os que designara.
Ao que toca sua existencia no além-tumulo, elle disse que não se lembrava.

Exacto. O filho de Harbux é ainda padre da egreja desta aldeia.

Quando o controle terminou, pediu-se ao menino que encontrasse a sua antiga habitação. Elle se pôz a caminho, deu alguns passos, depois parou, exitando. O Tehsildar tomou-o pela mão, e o menino recomeçou a andar depois de um momento. Depois de alguma exitação *elle foi, por si mesmo, até á sua antiga casa e tomou «seu filho» Ghure pelo dedo. O caminho para ahi chegar era longo cheio de tortuosidades, mas o menino nem por isso deixou de chegai ao fim.* As casas estavam em ruinas, chegando ao logar onde estava o portico da sua, deteve-se, incerto, e não poude situar exactamente a sua habitação no meio das ruinas accumuladas. ahi O menino não reconheceu pessoa alguma de Hatyori, reencontradas como sendo suas conhecidas na sua vida anterior e não poude se lembrar o nome de outras, salvo as designadas.

O Naib Tehsildar accrescentou, para concluir, que o menino, não foi instruido por pessoa alguma sobre estas cousas e que o seu caso é um caso authentico de lembrança de sua vida precedente.

Em consequencia, seguindo o conselho do honrado C. C. Watson, agente acreditado do Governador Geral de Rajpoutana, procurou-se completar os testemunhos e assegurar *que elle não tinha tido instrucção previa*. Tomou-se então precauções para interrogar nitidamente o pae do pequeno, saber como elle se lembrava de sua vida anterior e si alguem da aldeia de Salipur tinha alguma familiaridade com Hatyori.

Eis aqui o testemunho de Khairati, pae do menino, tal como foi obtido pelo Tehsildar de Weir (Rajpoutana) graças aos esforços de S. A. o Maharajah de Bharatpur:

Testemunho de Khairati, pae do menino «Prabbu» de Salempur, Paragnah Weir Estado de Pharapur, levantada por Ram Singeh, Naib Tehsildar.

« 1.o — Horoscopo de Prabbu foi tirado ao seu nascimento, eu o encerrei num vaso
« logo que voltei para minha casa.
« 2.o — Foi a mim que Prabbu falou primeiro de sua ultima incarnação. Elle exclamou
« um dia de repente, que seus caros filhos estavam em má situação e que elle
« queria auxilial-os. Repetiu isto varias vezes, e quando eu lhe perguntei quem
« eram seus filhos ou onde estavam e porque dizia asneiras, elle calou-se.
« Mais tarde, sentado ao lado de sua mãe, que batia manteiga, elle disse que
« ella era avarenta de manteiga, emquanto que sua precedente mãe fazia-o sen-
« tar-se ao lado da mantegueira e lhe dava grandes bocados. Ella perguntou-lhe
« onde estava sua precedente mãe. Elle replicou que estava em Hatyori, que seu
« verdadeiro nome era Harbux, e que deviam chamal-o assim e não Prabbu.
« Outra occasião, dormindo ao lado de sua mãe, estremeceu e exclamou: «Oh
« meu Deus! meus filhos estão em triste situação». Disse-se, então, que contas-
« se sua precedente incarnação, o que fez narrando factos já repetidos por Naib
« Tehsildar, e a noticia repercutiu por toda a aldeia.
« *Eu nunca estive em Hatyori e nenhuma relação tenho ahi com pessoa alguma,*
« *nem tenho parentes, nem negocios commerciaes.*
« 3.o — Eu sou o pae de Prabbu. A historia da sua incarnação passada foi feita pri-
« meiramente pelo menino a mim e a minha mulher.
« Outros ouviram-n'a em seguida. O horoscopo poude ser estabelecido e mos-
« tra que meu filho nasceu na noite de *Mah Sudi 2.o Sambat 1975* e que está
« com 4 annos, 7 mezes e 18 dias.»

Os casos seguintes foram tambem por mim completamente observados. Elles apresentam, pelo menos, detalhes interessantes:

2.o CASO CHHIDA.

Um Rajpoute, filho natural, chamado Chhida, da aldeia de Mhowa, situada sobre o Chambal, rio do Estado de Gwalior, tinha tido uma questão com a filha viuva dum brahmane desta mesma aldeia.

O brahmane dispôe-se a accusar o Rapjout pelo roubo de mais postaes e um mandato de prisão foi expedido contra Chhida. Este tendo sido informado, embrenhou-se nos barrancos proximos do rio. Elle lhe deu cinco rupias (moeda dos indios), afim de procurar um sino e de offerecer, em seu nome, ao templo de Shiva, em Mhowe Pouco depois, Chhida foi morto por um agente, quando repousava sob uma arvore.

Então, cinico annos mais tarde, em uma de suas «tournées», elle vae a casa de uma familia brahmane, na aldeia, para vender mercadorias. De repente, um menino da casa de 4 annos, approximou-se, apoderou-se de alguns objectos e retirou-se com elles.

O mercador perseguiu-o. Quando approximou-se do menino, este lhe disse que apoderando-se dos objectos, não fazia senão entrar na posse de seus bens. Elle se lembrava, dizia, de ter, em sua precedente existencia, dado dinheiro ao mercador para comprar um sino, dinheiro de que o mercador se tinha indevidamente apropriado!

Este incidente fez grande ruido. Uma velha senhora, mãe de Chhida, veiu ver o menino. Ella levou-o para sua aldeia e o menino soube reencontrar, em Mhowa, a casa que elle dizia ter habitado quando fôra Chhida!

* * *

3.º CASO DE KASHI RAM

Kashi Ram, o joven *Patwari*, foi morto em 1908 por Chhotey Lal, filho de Bhagwant Sing, zemindar (proprietario) da aldeia de Nouenhta, Bhind, Gwalior. O crime foi commettido no decurso de uma viagem em que ambos iam á côrte de Suba, para um processo que interessava o zemindar e onde o Patwari se preparava para dar testemunho contra elle.

Depois de haver atravessado á pé enxuto o rio Kauri, e cheio de raiva, procurou o Patwari, com o intuito de ganhar a causa. Não obtendo o que desejava, *matou-o, cortou-lhe os dedos da mão direita, pondo um na escrivaninha portatil do morto, a qual collocou sobre o seu peito e evadiu-se para o territorio britannico adjacente.* A policia fez uma pesquiza e foi expedido o mandato de prisão contra o assassino, mas em vão. Eu vi o processo da policia.

Logo depois, na visinha aldeia de Risalpur, nasceu um menino, *cujo corpo trazia todas as marcas de violencia, constatadas em Patwari no momento em que elle foi morto.* Este menino chama-se Sukh Lal, filho de Mihi Lal. Nasceu sem os dedos da mão direita, as costellas como que quebradas e grudadas; elle disse ter conservado a lembrança da sua vida precedente a do drama que a terminou. Eu vi o rapaz e conservei-o em minha casa, mais ou menos por oito dias. Elle lembrava-se, dizia, *de todos os principaes acontecimentos de sua passada existencia*, si bem que os detalhes se apagassem cada dia da sua memoria. Seu pae e seu irmão mais velho, confirmaram estes factos, embora tivessem elles repugnancia em divulgal-os, por motivo de um possivel escandalo.

* * *

4.º CASO DE ZEMINDAR RAJPOUTE

Um zemindar rajpoute foi morto por seu tio, em seguida a uma discussão motivada por um campo. O tio desappareceu e a policia não conseguiu aprisional-o: não havia prova absoluta. Isto se passou em 1877, no anno da fome. O assassino voltou pouco depois para sua casa. Nesse meio de tempo nasceu na aldeia um menino. Com a idade de 4 ou 5 annos, brincando com os camaradas, elle ouviu os tiros habituaes aos dias de festa, e repentinamente cahe sem sentidos. Voltando a si, exclamou que acabava de ver um assassino, o qual elle dizia ter sido seu tio na existencia passada.

Este facto foi o inicio de um grande numero de recordações. O menino reconheceu «seu irmão mais velho da existencia anterior». Familiarisou-se depressa com este irmão reencontrado e lhe revelou cousas, de que nenhum outro poderia ter conhecimento. Elle perguntava-lhe sempre o que era feito de sua espingarda predilecta, sua pistola, sua bengala, seus instrumentos de musica, etc. Estes objectos elle os usava por vezes, e estão em poder de seu irmão. Este convencido do parentesco anterior que os unia fez a descripção do crime ao Suba, Major Omrt (europeu). Mas este recusou-se a proseguir num trabalho baseado em taes testemunhos. Os dois irmãos, então, fizeram seu depoimento diante do primeiro Ministro Gampat Rao Khake. S. Alteza, o Maharajah Jiaji Rao Soindia ordenou uma «eequête» que pareceu concludente.

O menino reconheceu alguns dos seus parentes de sua sua existencia anterior. Convicto da verdade da historia, o Maharajah fez expedir um mandato de prisão contra

(*Continúa na pagina 21*)

Photographia Fluido-Magnetica e Radio-Actividade humana

OS RAIOS V, DO COMMANDANTE DARGET

O Commandante Darget, distincto official francez, reformado, é o verdadeiro iniciado da photographia fluido magnetica.

Foi elle o primeiro que conseguiu crear formas mentaes photographicas, fixando energicamente uma chapa sensivel, isto é, impressionando *clichés* com a imagem dos objectos em que pensava.

As suas photographias, chamadas photographias do pensamento, são muito conhecidas no mundo scientifico, e qualquer poderá produzil-as, desde que tenha a força exteriorisadora precisa para crear objectos que a placa impressiona.

O Dr. Baraduc, referindo-se ao commandante Darget, escreveu:

«As suas experiencias, que, sem o emprego da electricidade, são as primeiras no genero, permittiram-me verificar, pela primeira vez, a existencia das emanações fluidicas...»

O Commandante Darget

O nosso distincto confrade, Dr. Gabriel Delanne, director da *Revue Scientifique et Morale du Spiritismo*, escreveu no seu livro «**A Alma é Immortal**»: «O commandante Darget conseguiu, por duas vezes differentes, exteroriisar a imagem pensada de uma garrafa e reproduzir essa imagem sobre uma placa photographica, sem auxilio de apparelho.»

O distincto escriptor sr. Chaineau tratando das photographias do commandante Darget, diz o seguinte: na *Humanité Intégrale*: «E' preciso fazer eloquente justiça a quem abriu o caminho; é necessario, sobretudo, pôr em relevo o que distingue os documentos do commandante Darget e fazer sobresahir o caracter de variedade e de potencia pelo qual se reconhecem as notaveis experiencias desse official superior.»

Os grandes jornaes parisienses consagraram importantes artigos á nova descoberta do commandante Darget sobre a radio-actividade humana. A elle referindo-se, a revista scientifica *La Nature* publica o seguinte:

«O sr. d'Arsonval apresentou á Academia de Sciencias uma nota do commandante Darget relativa a photographias obtidas collocando sobre a fronte um pedaço de papel impresso applicado contra uma placa, do lado do vidro, e encerrado, o todo, dentro de um triplo enveloppe. Os raios chamados vitaes pelo autor, ou ainda raios V parecem ter agido como os raios X. A experiencia foi, com successo, repetida por varias pessoas. Porém, facto não menos curioso: algumas das photographias obtidas são em positivo e outras em negativo. Parece, portanto, ser necessario admittir que existam, pelo menos, duas especies de raios V essencialmente differentes.»

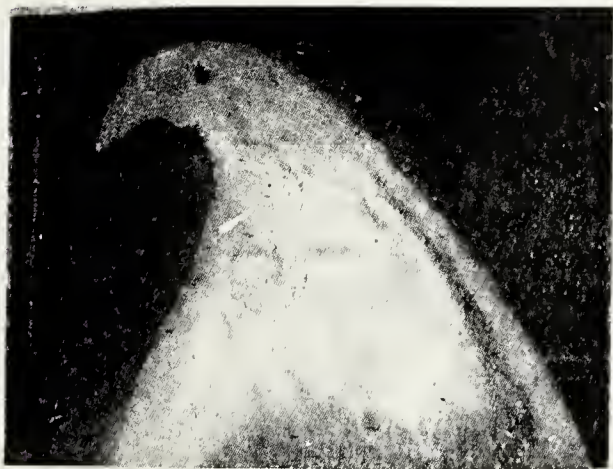
Os clichés fluidicos, diz o sr. Darget, obtem-se ou a secco, ou collocando-se a placa n'um banho revelador. Podem se empregar, indifferentemente, placas ordinarias de qualquer marca; quanto ao revelador, emprego habitualmente, o revelador de hydroquinone; porém, pode-se lançar mão de qualquer revelador photographico.

Quando a placa torna-se preta — e é preciso deixal-a enegrecer bastante — lança-se-a no fixador, isto é, no banho de hyposulfito de soda; observa-se, então, a imagem e, quando a placa está desiodada, lava-se-a durante 3/4 de hora.

A placa a secco pode ser collocada sobre a fronte ou sobre a nunca, mantida por um lenço ou por um tecido qualquer; pode-se tambem collocal-a sobre o coração, sobre o epigastro, ou sobre uma parte qualquer doente ou febril do corpo. Deixa-se-a assim durante muito tempo, uma hora, emquanto nos occupamos de outra coisa. Previamente prepara-se-a no gabinete escuro, embrulhando-a em duas dobras de papel preto. Essa manipulação deve ser feita á luz da lanterna vermelha, como para a photographia ordinaria. Colloca-se, então, a placa sobre o corpo, o lado da gelatina do lado da pelle de preferencia. Pode-se, igual-

mente, no gabinete escuro, pegar a placa entre os dedos e mantel-a, durante dez ou quinze minutos, a um centimetro da fronte.

Foi assim que eu obtive as minhas melhores photographias: a Colera, a Aguia e tantas outras.

A COLERA — Photographia obtida pelo commandante **Darget**, collocando a uma polegada acima da propria fronte, uma placa sensivel, certo dia em que acaba de ter um forte accesso de colera.

A AGUIA — Photographia obtida pelo commandante Darget, collocando uma placa sensivel a uma meia pollegada acima de mme. Darget adormecida do somno mediumnico.

Um outro processo, consiste em magnetisar, no gabinete escuro, a placa, durante dez a quinze minutos, mantendo as mãos a uma curta distancia d'ella.

A obtenção das photographias é irregular, caprichosa, sem que se possa formular uma lei qualquer, tomando como base os resultados já obtidos.

Teem-se ás vezes, surprezas inauditas, como quando o raio retira a camisa de um homem, sem feril-o, deixando-lhe as outras vestimentas.

Si se trata de uma photographia espirita, em geral, quando se quer apenas um pouco de fluido, conseguem-se figuras muito caracteristicas.

Photographia, no banho revelador — Si se mergulha uma placa no banho revelador e si se collocam em contacto com ella dois ou tres dedos de cada mão, sobre a gelatina, durante dez ou quinze minutos, obtem-se geralmente effluvios coloridos a uma ou mais côres. Si se collocam os dedos do lado do vidro, obtem-se effluvios de formas differentes e um fluido como que irisado. Eu pude, entretanto, por esse processo, obter figuras.

Si se dispôem diversas moedas sobre a gelatina, e si se collocam um ou dois dedos sobre cada moeda, estas se imprimem geralmente, e communicam a sua effigie á placa, como si tivessem sido photographadas, pelos processos ordinarios, isto é, com um apparelho munido de objectiva, 15 minutos de *pose*, ou pouco mais, são sufficientes. Algumas vezes a imagem das moedas é colorida.

Photographias fluidas com apparelho — Muitas vezes, sob pretexto de que o retrato tem manchas, os photographos inutilisam as placas e fazem o cliente pousar de novo. Ora, essas manchas não são outra coisa sinão effluvios do fluido vital. A sra. Agullana, poderoso medium de Bordeaux, produz taes manchas a vontade, prevenindo antecipadamente os photographos, cuja estupefacção, diante desse facto, e sem limites. Eu observei, de resto, que, como os magnetisadores, os mediuns produzem effluvios muito facilmente.

O sr. Arsoure, de Liége, enviou-me duas *poses*, da mesma pessoa, photographadas por elle, no mesmo lugar, a cinco minutos de intervallo uma da outra. A segunda é notavel pelas numerosas manchas fluidicas caracteristicas que a cercam. Nessas tachas, sente-se que existem figuras inacabadas, manchas proprietaes. Si em face do nosso leito, na mais completa obscuridade, dispomos um apparelho photographico, com a objectiva descoberta e, em seguida, nos deitamos durante um certo tempo, uma hora, por exemplo, conseguimos, muitas vezes, imagens dos seres ou das radiações do espaço de que nos fala Emmanuel Vauchez.

Os processos que resumidamente indiquei, são forçosamente incompletos, porém a pratica conduzirá os experimentadores a resultados cada vez mais animadores, porque estamos no começo de uma vastissima e nova sciencia.

* * *

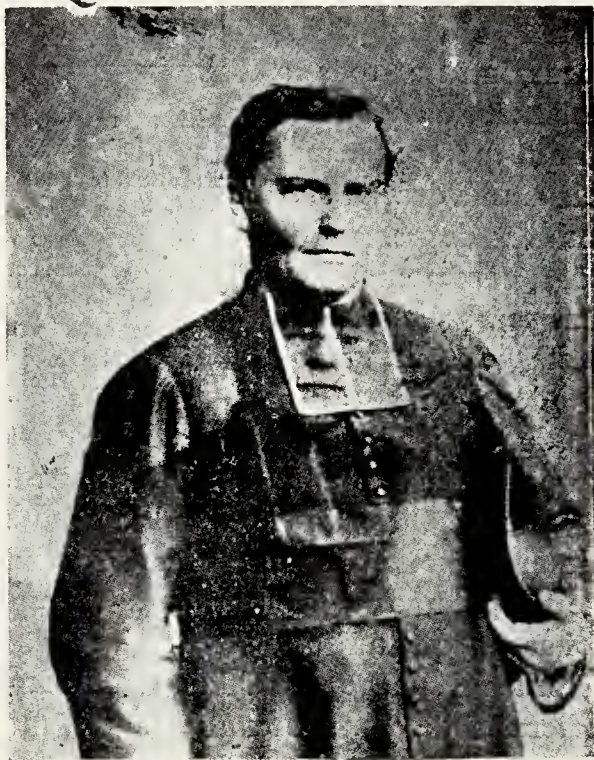
Algumas vezes o commandante Darget obtem photographias de um genero um tanto diverso mesmo quando procede as suas investigações fluido-magneticas. Haja vista, por exemplo, a photographia abaixo, mostrando duas meninas e, ao lado d'ellas, segundo o sr. Darget, os seus *duplos*, *perispiritos*, *corpos espirituaes*, na phrase de S. Paulo.

As duas filhas do sr. Pinard magnetisadas por seu pae

Esta photographia pertence propriamente ao genero chamado *espirita*. Eis em que condições especiaes o commandante Darget obteve-a.

Querendo verificar si os fluidos que um magnetisador transmitte ao *sujet* são photographaveis, o commandante Darget pediu ao conhecido medium curador sr. Pinard que magnetisasse as suas duas filhas. Começada a operação, o distincto investigador tentou a prova photographica buscada; o resultado foi o que se pode observar no nosso *cliché;* a esquerda das duas meninas veem-se os seus *duplos* ou *corpos espirituaes*.

Examinando-se bem essa photographia, vê-se que no retrato *do corpo* mmelle Pinard tem na mão um *bouquet*, ao passo que na do seu fantasma, não só esse *bouquet* não existe, como mesmo o braço está estendido e não dobrado á altura do cotovello.

Outra photographia interessante é a do padre que, não foi obtida directamente pelo commandante Darget, mas sim por um seu amigo e correspondente que, amigo de um sacerdote romano deliberaram ambos fazer uma experiencia psychica, servindo o padre de modelo, e que deu o resultado que se vê.

Photographia com o *duplo* de um sacerdote

Abaixo do pescoço do padre, ao peito, lado direito o leitor verificará o perispirito do mesmo padre.

* * *

O commandante Darget teve uma entrevista com um jornalista europeu que pediu-lhe a exposição da historia das suas investigações.

Eis o communicado do Illustre pesquisador:

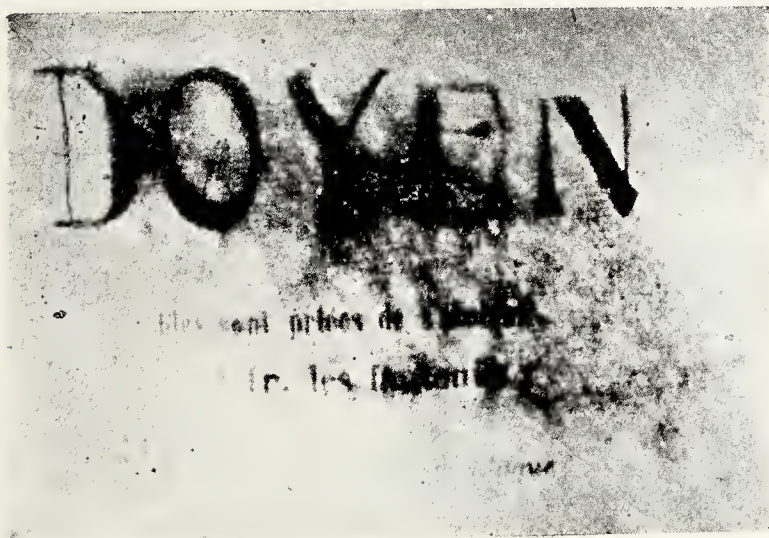
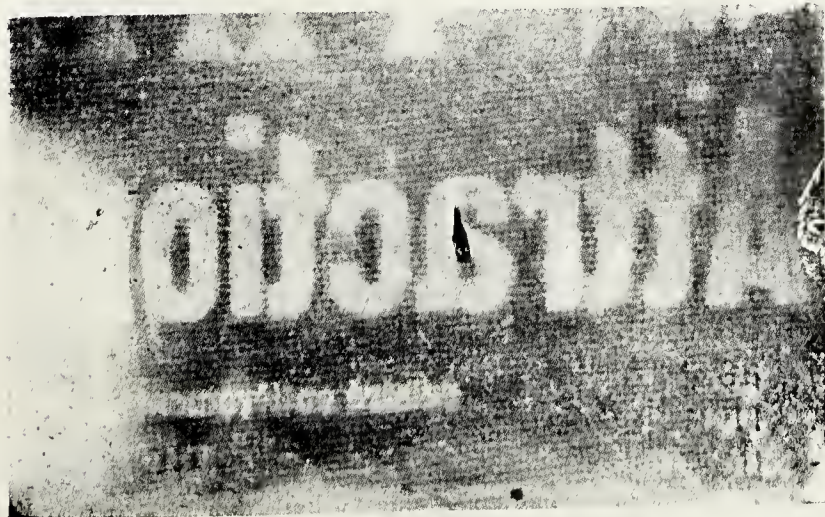
— «As minhas investigações, sobre os fluidos emittidos pelos seres vivos remontam a uns trinta annos. Todavia, só em 1894 foi que consegui, com espanto, de resto, das raras pessoas que se occupavam da questão, impressionar placas photographicas por meio do fluido vital.

Farei observar que essas impressões eram nitidas no gabinete escuro sobre placas não cobertas collocadas no banho revelador e submettidas á acção dos dedos, seja a contacto, seja a distancia.

As impressões assim conseguidas eram muito nitidas, formando uma serie de irradiação a partir da extremidade dos dedos. Essas photographias seriam semelhantes ás obtidas á luz do dia, si as placas não fossem coloridas, ora de vermelho, ora de verde, ora de amarello, segundo as pessoas e segundo os estados doentes ou sãos de taes pessoas.

Notar-se-á que o fluido vital parecia agir até então como uma luz um tanto especial. Porém varios indicios, me fizerem suppôr mais tarde que essa irradiação podia muito bem ser diversa da luz e analoga á da ampola de Crookes, á dos raios X, ou á do radium. Si assim fosse, o fluido vital, a que dei provisoriamente o nome de *raios V*, não devia attravessar os corpos opacos, como o triplo enveloppe de papel preto, vermelho e branco que proteje as placas sensiveis.

Colloquei, portanto, ha alguns mezes, uma dessas placas sobre a fronte, durante uma meia hora, e tive a alegria de verificar que, de facto, a placa sob o triplice enveloppe estava impressionada.

Para completar essa demonstração, introduzi, sob os trez enveloppes um papel impresso com a palavra «DOYEN», etc., (o lado não impresso do papel tocando a placa sensivel) e obtive, muito nitida, a photographia junta.

A varias pessoas de minhas relações, confiei placas semelhantes em enveloppes fechados e sellados. Essas pessoas obtiveram, mais ou menos distinctamente os mesmos resultados.

Entretanto algumas dellas, como o sr. Shettle, forneceram as palavras photographadas em negativo, como é facil verificar pela photographia junta da palavra «ATTRACTION».

Outras pessoas fornecem placas, parte em positivo, parte em negativo.

Devemos crêr que esses resultados são devidos ao phenomeno conhecido pelo nome de «sobrexposição», ou a existencia no homem de dois fluidos de sentido contrario? Muitos indicios permittem que me inclinem para esta ultima hypothese.

Ha, ao mesmo tempo, razões para crêr que as diversas partes do corpo, emitem raios V com uma intensidade de gráos diversos. As primeiras experiencias que fiz em tal sentido — experiencias que continúo — já me permittem essa affirmação.

E, para concluir, ao menos provisoriamente, é preciso dizer que nos achamos em presença de uma irradiação absolutamente especial, que é como que inherente aos corpos vivos. Esses novos raios variam com os individuos, isto é, sem duvida, com os seus temperamentos e os seus estados moraes — cólera, calma, alegria, etc. — bem como com os seus estados de saúde.

Aqui nos achamos como na origem da vida. Não parece, portanto, presumpçoso esperar que o conhecimento perfeito desses novos raios, forneça regras preciosas para a sciencia e para a conducta futuras da existencia.

Commandante DARGET

A Idéa Espirita

Uma idéa que fala á alma, ao coração, á razão e ao sentimento, e que ao mesmo tempo presta factos em todos os recantos do mundo, que podem subordinar-se á analyse e ao exame mais rigorosamente scientifico, e á experiencia e á verificação do mais rude e simples investigador, é uma idéa que ha de triumphar apezar de tudo; que hade impôr-se e dominar.

A. Herculano

O IMPOSSIVEL

Aquelle que, fóra das puras mathematicas pronuncia a palavra — impossivel — falta com a prudencia.

Arago

O PROGRESSO HUMANO E OS PHENOMENOS PSYCHICOS

O progresso é lento, na humanidade terrestre.

O systema de Copernico era ensinado por Aristarco, de Samos, no anno 280 antes de Jesus Christo. Os sabios dessa epoca não queriam aceital-o de maneira nenhuma e, quatrocentos annos depois, Ptolomeu, continuando a tradição classica, tratava essa hypothese de «perfeitamente ridicula».

Da mesma maneira pensavam ainda, no seculo XVII da nossa era, os juizes de Galileu. Hoje, todo o mundo acabou por admittir e por comprehender que a Terra não está no centro do Universo e que gravita em torno do Sol, em companhia de outros planetas, seus irmãos, arrastada atravez dos abysmos insondaveis da immensidade infinita.

A Astronomia não é a unica sciencia que póde ser chamada em testemunho da lentidão do progresso.

Os problemas phychicos nos offerecem um exemplo analogo. E' justo, porém, accrescentar que ha menos tempo que elles são formulados á analyse scientifica positiva e que estão longe ainda de ser resolvidos. Todavia, si, nesse grande assumpto, ha um capitulo que, ha muito está definitivamente escripto, é o da suspensão das mesas, em contrariedade com a lei da gravidade dos corpos, suspensão que se produz pela acção de uma força desconhecida. Esse phenomeno é actualmente objecto de discussões numerosas e pitorescas.

Ha mais de meio seculo, em 1853, o conde de Gasparin, tendo em sua companhia uma duzia de experimentadores sevéros, poz o facto em tal evidencia que as suas experiencias poderiam ter bastado para assentar definitivamente a questão.

Vê-se, nessas sessões de estudos, uma grande mesa de sala de jantar, sobre a qual se haviam collocado 75 kilos de pedra, suspender-se e partir-se, sob esse peso, balançada pelos seus movimentos. Veem-se rotações se operar, sem contacto algum, pois que, tendo-se, por meio de um folle, espalhado sobre a mesa uma tenue camada de farinha de trigo, nella não se encontrou vestigio algum de dedo.

A isto accresce que todas as experiencias eram feitas por um grupo de amigos, sem auxilio de nenhum medium extrangeiro ou retribuido.

No anno seguinte esses factos eram igualmente postos fora de duvida, por Marc Thury professor de physica e astronomia na academia de Genebra; elles são, outrosim, medidos por meio de uma mesa em equilibrio, e de balanças.

Como no caso das experiencias do conde Gasparin, as de Genebra são feitas entre collegas da Universidade e sem medium assalariado. Durante essas experiencias, nós vemos um piano, de um peso de 300 kilos, resoar e elevar-se, quando junto a elle não havia sinão uma criança de onze annos, que estudava a sua

lição e que era um medium sem o saber.

Muito tempo depois de taes experiencias, em 1869, os sabios da Sociedade Dialectica, de Londres, eliminando egualmente o emprego de mediums profissionaes fizeram, em numero de doze, pouco mais ou menos, nos seus proprios aposentos, com os seus proprios moveis, examinados a cada instante, uma série de observações, estabelecendo os movimentos dos objectos sem contacto, a alteração dos pesos, as pancadas rythmadas ; tudo isso sem causa apparente.

O relatorio que estabelece esses phenomenos é assignado pelo engenheiro electricista Cromwell Varley (que lançou em 1860, o primeiro cabo transatlantico entre a Europa e a America) e por varios membros da Sociedade Real, de Londres.

Alguns annos depois, o Professor Crookes, cuja competencia na experimentação physica não pode ser posta em duvida por ninguem, fez, por seu turno, as experiencias, que todo o mundo conhece, constatando, com apparelhos registradores, a alteração do peso dos corpos e provando a veracidade dos phenomenos de deslocamento de objectos sem contacto, de percussão a distancia, etc., etc. . . .

Esses factos são conhecidos, archiconhecidos. Foram observados por centenas de experimentadores, verificados mil vezes, fiscalisados, photographados. Podem se ver no meu livro *Forces naturelles inconnues*, photographias directas e sem retoques, a respeito dos quaes eu tambem estou perfeitamente disposto a dar um premio de 500 francos a quem nellas encontrar uma fraude qualquer. Varias dessas photographias foram feitas na minha casa, e, ha nada menos de quarenta annos que eu sigo esses phenomenos de muito perto.

Parece-me que os homens que se deram ao trabalho de observar pacientemente o assumpto em litigio não podem deixar de ter a convicção da levitação das mesas e de outros objectos pesados, da variação do peso dos corpos, dos deslocamentos sem contacto, das pancadas sem choque apparente e respondendo as perguntas, etc.

Falta-me espaço para entrar em outros detalhes, porém, uma vez que me deram a honra de me pedir a minha opinião, baseada n'uma longa experiencia, o meu dever é responder que o ser humano, ainda não é conhecido de pessoa alguma, nem dos physiologistas nem dos psychologos e é dotado de faculdades physicas e psychicas ainda quasi completamente ignoradas, mas cuja investigação será a gloria da sciencia futura.

Camille Flammarion

(Continuação da pagina 15)

o assassino. Mas este ultimo fugiu, perseguido, aqui e ali, pela policia até Gaya, onde morreu. Elle pediu então á S. Alteza ordenar o cancellamento do processo visto o culpado não mais existir.

Eu examinei os documentos e os tenho commigo. Fiz vir em 1912 o moço, que tinha naquella occasião 34 annos, com seu velho pae, o qual confirmou este relato. Elle accrescentou que logo após á identificação do menino, lhe apparecera o assassino, a quem o menino censurou asperamente por tel-o assassinado traiçoeiramente e de uma maneira indigna de um Rajpoute. O moço, em 1912, tinha se esquecido de todas estas cousas, ellas não lhe eram conhecidas senão porque ouviu dizer.

A historia foi corroborada ainda pelo coronel Surajpal Singh e o filho do assassino, ambos officiaes em Gwalior. Suas photographias foram tiradas pelos srs. Desai frères, de Lashkar, Gwalior.

Dr. Rao Bahadur Syam Sunderlal

UM RETRATO DO
DR. GUSTAVE GELEY

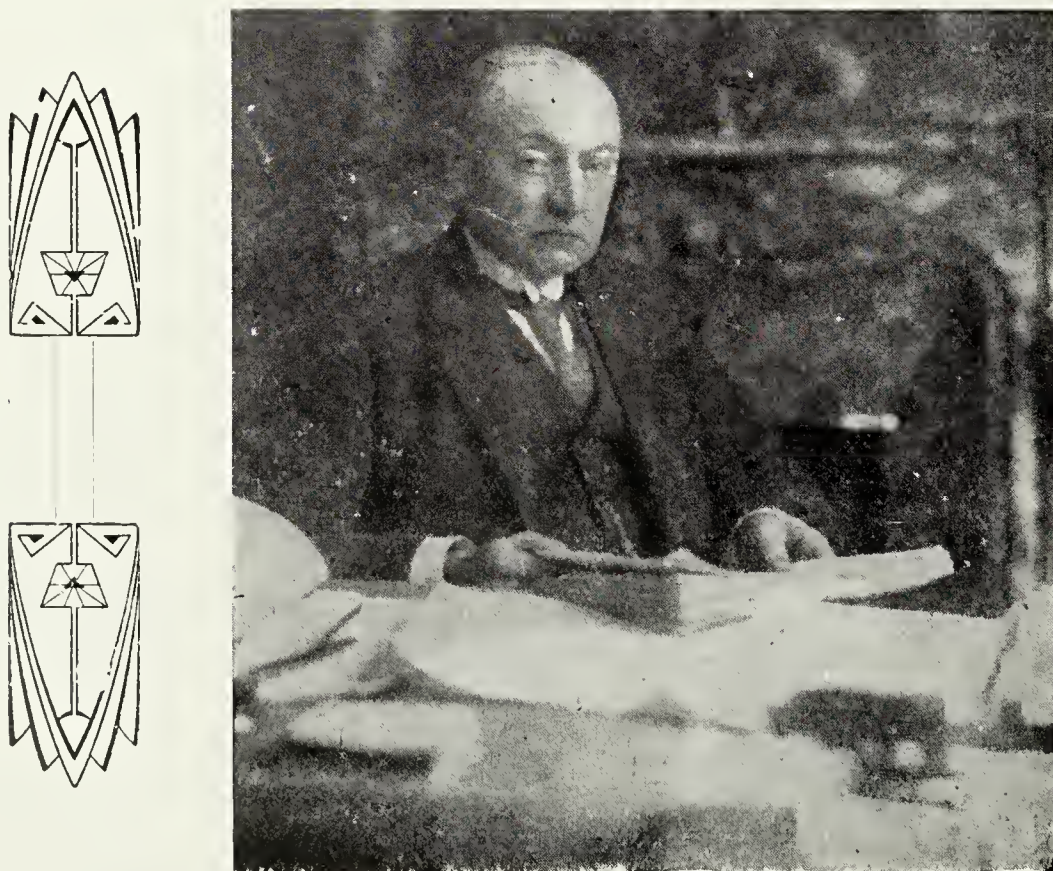
A lamentavel noticia do desastre occorrido em 15 de Julho (1924) que nos roubou um amigo muito querido e fez a metapsychica perder um dos seus mais ardentes trabalhadores, chegou-me a 17 de julho por telegramma. Eu estava convicto que o Dr. Geley viria á Inglaterra precisamente para fazer experiencias de photographia supranormal no «College», Holland Park, 59, Londres.

Elle me havia concedido a honra de associar-me a estas experiencias, que realisar-se-iam a 21, 22, 24 de julho e dias subsequentes.

Depois da funesta noticia todas as disposições ficaram sem effeito.

Eu estava, então, de folga em Exmouth (Devonshire) com minha mulher. Ahi encontramos de improviso uma enfermeira que, de tempos em tempos fala mediumnicamente, em transe, e se interessa pelos factos psychicos. Naturalmente falou-se da perda que tinhamos acabado de soffrer, mas ella não conhecia o Dr. Geley, e a conversação tornou-se, outra vez de um modo inteiramente normal. Por fim ella mudou de feição, e falando em nome de seu Guia disse : «Eu vi o Dr. Geley, elle não pode crêr na sua transicção, mas tem amigos que o auxiliarão. Creio que si deliberardes resolutamente a experimentardes a photographia na semana proxima, elle poderá impressionar a chapa, porque era muito interessado nessas experiencias».

Tomei immediatamente nota dessas palavras, fiz assignar o documento e passar pelo correio, com o fim de ter a prova da data do timbre postal.

Os arranjos com o «College» foram renovados por obsequio de Mme. Mc. Kenzie, que dirige as sessões. Voltamos para Weybridge dia 19.

Dr. Gustave Geley
em seu gabinete de trabalho

Em nossa casa existe uma pessoa que possúe a faculdade da escripta-automatica, com a qual eu faço constantes experiencias. Ella de nada sabia, salvo a noticia do desastre e a annulação dos preparativos. Pedi-lhe :

— «Tomai o vosso lapis».

D. — Podeis dizer-me alguma cousa?

R. — O nosso pobre amigo não pode comparecer aqui, elle está desolado pela agonia que ha em sua casa e por todos os motivos.

D. — Dae-me o vosso parecer. Mme. Mc. Kenzie me offereceu uma sessão com Hope, amanhã ás 11 horas da manhã. Em vista da vossa resposta, me parece pouco provavel que obtenhamos um successo. Devo utilisar-me do meu proprio apparelho (o que poderia melindrar a Hope) ou me servir do seu?

R. — Nada de novo deveis introduzir amanhã na sessão. Podeis lá ir contando commigo, que faremos tudo o que as condições nos permittirem. Talvez o Dr. Geley já esteja certo de que aqui chegou. Lembrae-vos que a sua chegada foi imprevista e elle estava de bôa saude. Não insisto sobre estes detalhes que, segundo penso, em semelhante caso é um dever scientifico dizer-se o que se deve sem accusações supersticiosas ou de mysticismos».

Dizem-me que tudo isso provem do subconsciente do medium escrevente, nada discuto. Seja qual for a proveniencia desses escriptos, subconciencia ou outra; são igualmente factos auxiliares.

Em 24 eu fui ao «College». Mm. Mc. Kenzie pediu-me que me encarregasse da experiencia.

Presentes: Mme. Mc. Kenzie, Mlle. F. S. Scatcherd (pratica em materia de photographia), eu, M. Hope e Mme. Buxton, (mediums). Mme. Mc. Kenzie tomou um pacote de chapas embrulhadas e selladas pela casa fabricante das mesmas, justamente para experiencias deste genero, de cujas chapas conserva uma trintena fechada a chave. O cliche dá o «*fac-simile*» desse pacote. (Nota da Red.: Deixamos de dar o cliché da caixa de chapas, por julgarmos sem importancia para a transcripção). As chapas são todas *marcadas nos cantos pela Companhia, para se tornar impossivel uma substituição qualquer*, embrulhadas como de costume, depois o pacote amarrado com fita de algodão, e sellado com o sello grande da Companhia fabricante (The Imperial Dry Plate Company, bricklewood, London). As duas pontas do amarrilho estão presas sobre o lacre A., sobrepostas ao logar onde o papel envoltorio é collado em baixo da entiqueta a, a, a. Mme. Mc. Kenzie affirma que ninguem, salvo ella tocou nesses pacotes, e eu, por minha vez affirmo que a caixa de chapas estava, absolutamente intacta, como foi vendida pela Comp., conservando tambem os sellos intactos. Esse pacote ficou em minha mão.

Figura 2

O atelier photographico do «College» tem uma unica porta de entrada, e uma que dá para a camara escura, illuminada por uma janella coberta de um tecido ver-

melho. O quarto escuro nenhuma porta tem. Referidos experimentadores permaceram no atelier com Hope e Mme. Buxton. Eu colloquei o pacote de chapas no meio da mesa e os assistentes deram-se as mãos formando uma cadeia em torno, de accordo com o costume de Hope, que exige canto e invocação e a permanencia do pacote entre as mãos dos assistentes. (É preciso se accomodar, com este processo para não descontentar o medium, embora eu já tivesse observado o phenomeno, sem nenhuma destas exigencias).

Terminado isto, tomei o pacote de placa, cortei os amarrilhos tendo tido o ton se collocaram ao lado do apparelho, mas sem o tocar, limitando-se Hope a abrir os «*Chassis*» para expôr as chapas, o que durou quinze segundos, depois fechou.

Eu mesmo fiquei com o apparelho e revelei as duas chapas num só banho. Certifico que Hope não tocou as chapas, do começo ao fim.

Uma dessas placas estava normal ; a outra mostrava o *extra* (Fig, 2).

Os traços que nella se encontra não são defeitos de manipulação, elles estão mesmo na gelatida. A 3.ª e a 4.ª placas ficaram na caixa e no seu papel envoltorio,

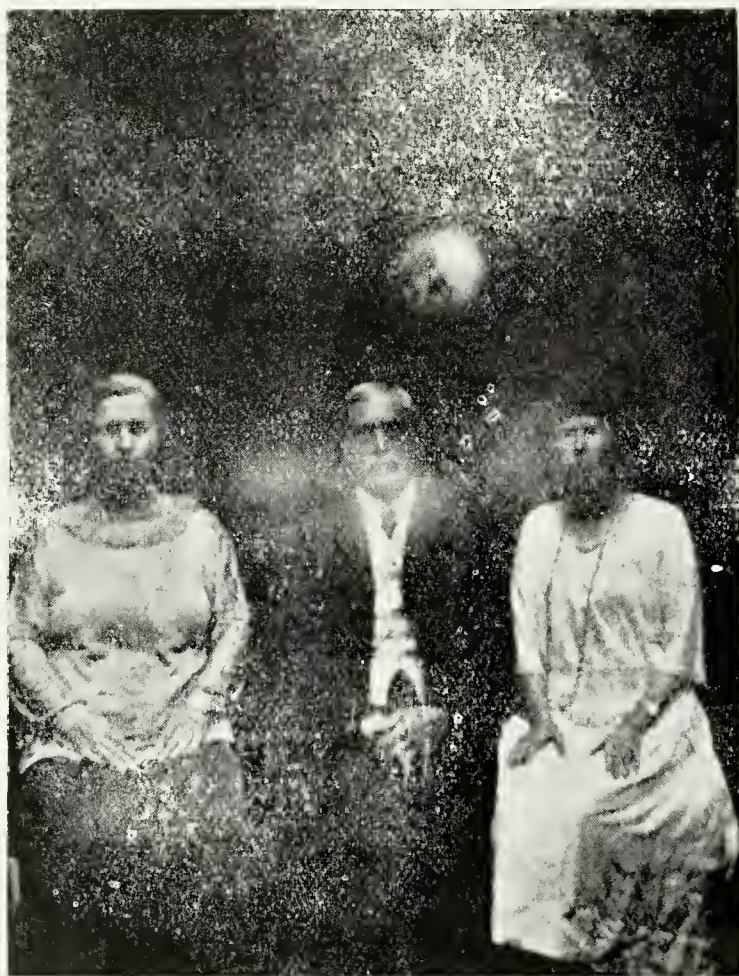



Figura 3

cuidado de não destruir os sellos. Entrei no quarto escuro com Hope, onde revelei as placas sem permittir que outro as tocasse. Examinei minuciosamente o *chassis* que elle me apontou e puz duas placas, assignalando-as com a minha assignatura no momento de tirar do pacote. Eu puz, então, minha firma na chapa e fiquei com o *chassis* em meu poder. Reuni, novamente os outros experimentadores no *atelier* com Hope, examinei com cuidado o apparelho e a lente já focalisada sobre as cadeiras onde os assistentes se deveriam sentar. O apparelho photographico é dos mais simples sem especialidade alguma. A lente é absolutamente propria e transparente. O fundo é de panno espesso, escuro, negro. A machina está sempre em plena vista. Hope e Mme. Buxno outro local. do quarto escuro sobre uma mesa do gabinete.

Hope não se approximou dellas. Nenhuma pessoa entrou no quarto escuro. Eu tomei a caixa desembrulhei as placas 3 e 4 e as puz no mesmo «chassis» depois de tel-as assignalado como as outras. O processo destas foi identico ao da primeira, salvo haver Hope derramado o revelador sobre as duas placas, na banheira que se achava commigo. A 3.ª placa contém o retrato do nosso querido Dr. (Fig. 3).

É preciso salientar que a posição é a mesma, somente a imagem está um pouco inclinada e o retrato é muito mais nitido.

Nenhuma fraude pode ser evocada. As pessoas que conheceram o nosso caro e venerado director verão, em seguinda, que

não ha duvida sobre a sua exacta feição. Os que não tiveram a grande felicidade de conhecel-o, poderão comparar esse retrato com o que a REVUE SPIRITE publicou em agosto (e nós reproduzimos neste numero).

Já se tem dicto, na Inglaterra, que um *truc* poderia ter sido explorado para esse fim. Observaram-me: «vós deverieis ter levado vossas chapas». Propor este argumento é suppor que alguem tivesse podido, após ao accidente e em poucos dias, preparar fraudulentamente as placas, envial-as á Companhia, fazel-as ahi marcar, embrulhal-as depois sellal-as e envial-as com o «B. C. of P. S.». e fazer de sorte que Mme. Mc. Kenzie encontrasse entre trinta pacotes, o pacote preparado.

Eu não penso que o nosso querido amigo estivesse presente a esta experiencia; quero antes admittir a theoria da ideoplastia, preconisada pelos nossos amigos os metapsychistas, mas em face de taes phenomenos prefiro crer que a ideoplastia pode perfeitamante ser exercida mesmo pelos invisiveis. Desde que se concede a existencia de forças invisiveis, não se lhes pode recusar o direito de disporem os meios artisticos que lhes permittem fazer retratos tão bem como outros meios que lhes facilitam a possibilidade de realizarem experiencias de outra natureza.

Para o que concerne á obtenção do retrato do Dr. Gustave Geley certifico que nós subscrevemos as sete condições que garantem a authenticidade do phenomeno:

1.º — Certeza absoluta que o pacote de chapas estava intacto;

2.º — Abertura do pacote pelo mesmo experimentador e assignatura das chapas, uma a uma, no momento em que eram desembrulhadas;

3.º — Segurança do processo por um photographo experimentado;

4.º — Certeza de que o fundo nenhuma preparação continha;

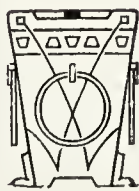
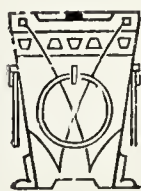
5.º — Certeza de que o «*atelier*» foi bem examinado e nenhuma fraude poderia prevalecer;

6º — Certeza da normalidade do apparelho e da lente;

7.º — Certeza que os mediums não podiam intervir nas operações.

É bem lamentavel que o nosso distinsto confrade não tivesse podido levar mais longe suas experiencia entre nós, em materia de photographia supranormal.

Suas aptidões altamente scientificas lhe teriam certamente permittido de tirar dellas, conclusões da mais alta importancia.

STANLEY DE BRATH,
Engenheiro.

Chronica Extrangeira

Ao iniciar a nossa Chronica, temos o prazer de apresentar aos collegas da imprensa, aos collegas do collaboração e aos espiritas em geral as nossas melhores felicitações de paz.

A tarefa que foi delegada ao encarregado desta secção, não deixa de ser difficil e superior ás suas forças, mas como para o desempenho do cumprimento dos nossos deveres não faltam auxiliares que suppram a nossa deficiencia, havemos de nos esforçar, tanto quanto possivel, para levar aos leitores desta Revista as notas e resumos de relatos dos principaes factos que se forem verificando em todo o mundo, oriundos da eterna fonte da Revelação, em suas multiplas variedades de manifestações.

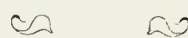
Communicação simultanea entre a Inglaterra-Russia e Irlanda

A *Light*, revista ingleza, publicou a a noticia interessante de uma communicação dada simultaneamente entre a Inglaterra, a Russia e a Irlanda.

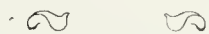
— «Uma pessoa obteve, na Inglaterra com um medium, uma sessão de «Voz directa». No mesmo momento, ultra-sensivel ás impressões psychicas, uma senhora percebe manifestações extranhas em sua casa em Dublin. Emfim, uma terceira pessoa — um homem — está em Moscow com um individuo do paiz que é medium auditivo.

Estas sessões, no momento em que realisavam-se, foram synchronisadas mesmo pelos Espiritos, emquanto que esta operação, feita no plano espiritual, era ignorada dos tres mediums.

A «trompette», utilisada na Inglaterra para as «vozes», pôz a falar e disse: «Não posso comprehender uma palavra do que me contam». Então uma voz intervém, que se exprime rapidamente em uma linguagem inteiramente impenetravel para o auditor, que repete: «Nada comprehendo». Uma segunda voz se eleva, mais grave que a primeira, e as duas vozes são ouvidas dialogando em um idioma desconhecido como se questionassem. Emfim, em máo inglez, a segunda voz, diz: «In-ter-prete». Eu sou russo. Ha um espirito russo. O barulho que vós ouvis é a linguagem do alphabeto Morse. Vou vos offerecer a traducção. O amigo Espirito, em Moscow vos fala. Ouvi, eu traduzo.

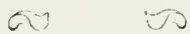
O ruido do codigo Morse recomeça, com pausas frequentes, afim de permittir ao Espirito dar, phrase por phrase, uma importante mensagem, traduzida do russo. Esta mensagem precisa uma questão, que é assim tambem transmittida ao Espirito de Moscow, e a resposta volta a alguns minutos. Mas, o mais extraordinario que pode haver em tudo isso, é que a senhora de Dublin, que nada sabe do que se sabe na Inglaterra, ou em Moscow, recebe, no mesmo momento, a mensagem, palavra por palavra, emquanto o codigo Morse é traduzido por um medium inglez. A conformidade das duas mensagens — Inglaterra e Dublin — foi, depois estabelecida, emquanto que os dois textos foram comparados. Para melhor comprehender um tal e tão magnifico phenomeno, é preciso lembrar que, quando as condições são favoraveis, o espaço para os Espiritos, não existe, e que elles podem transmittir suas vozes a qualquer distancia e de uma vez.»

Influencia dos mediuns sobre Homens illustres

Grande é a influencia que os mediuns tem exercido e exercem até hoje sobre os homens illustres. Basta se passar uma vista d'olhos na Biblia para se ficar inteirado de que os antigos reis, nenhuma resolução importante tomavam, sem previamente haverem consultado os mediums. O rei Saul, vae ao Endor, e pela pythoniza consulta ao Espirito de Samuel á respeito da guerra dos Israelitas contra os Philisteus. É assim que o Sr. S. Desmonds no «Pearsons Magazine» sobre a missão que o medium tem representado, mesmo entre os incréos, diz: «Si podesse ser estabelecida uma lista dos homens illustres dos governos, militares, financeiros, doutores, homens da lei e mesmo homens de sciencia que, seja frequentemente, seja com intervallos vão consultar o moderno magico, ou o psychometra, o clarividente, com o fim de melhor dirigir os negocios publicos ou os seus proprios negocios pessoaes, ver-se-ia que

essa lista havia de conter os nomes mais conhecidos na Europa e na America. Nella se encontraria duzias de cabeças coroadas ou de herdeiros do throno».

Materialização de uma mecha de cabellos

A *Vie d'Outre-Tombe* constata um caso interessante da materialização de uma mécha de cabellos, em uma sessão do anno transacto, do grupo «L'ESPERANCE» de Spa. A noticia foi transmittida pela directoria do grupo, tal como se vae ler:

— «No deccorrer da sessão, á conselho do Guia, diminuimos a luz e foi-nos dito que iamos obter a materialisação de cabellos. O medium adormeceu e alguns minutos depois, vimos ao lado direito a sua cabelleira se agitar e augmentar de volume. Um dos assistentes levantou-se e examinando os cabellos, percebeu que elles cresciam e formavam uma mécha de 30 centimetros, mais ou menos, de comprimento. O Guia nos disse que podiamos cortar esses cabellos e os conservar, em lembrança da sessão, o que immediatamente foi feito.

O medium tendo despertado, refez-se a luz completamente e puzemo-os a constatar: 1.º que nenhum signal de corte encontramos sobre a cabeça; 2.º que os cabellos não eram, nem da mesma côr, nem da forma que os do medium. Fizemos a separação dos cabellos entre os membros presentes e então produziu-se ainda o segundo phenomeno. Um dos membros, um tanto sceptico, havia collocado sobre um papel a sua parte da mecha dos cabellos e examinava-o de perto, fazendo-os rolar entre os dedos: de repente, com grande admiração sua, os cabellos desappareceram, sem que nos fosse possivel encontrar traços d'elles, apesar da mais meticulosa pesquiza. Assignado: pres. J. Brodure; medium, L. Brodure; secr. J. Antoine; — Seguem treze assignaturas dos membros do grupo que assistiram a sessão.

SALVO POR UM SONHO

Os jornaes de Johannesburg (Transwaal), diz a «Revue Spirite», nos trazem a noticia, essencialmente espirita, de um accidente occorrido na mina de ouro «Village-Deep», uma das mais profundas do Witwatersrand (3.000 metros), accidente onde desgraçadamente pereceram oito homens, mas ao qual poude escapar o mineiro Hendrik-Joannes Olivier, graças a um sonho premonitorio que teve, na noite precedente. Eis aqui em que termos o mineiro salvo conta o facto:

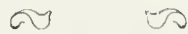
— «Antes de descer, eu contei o meu sonho a um dos meus chefes. Elle riu-se de mim. Chegado ao nivel 29, resolvi de repente remontar ao nivel 28. A força desta resolução era superior a mim. Mas apenas eu começara a subir, as rochas se destacavam de todos os lados. Quando eu voltei a mim era noite. Eu tinha sido ferido na cabeça e ficara sem sentidos. Senti então, pedras em torno de mim. Restava-me um phosphoro. Hesitei por certo tempo riscal-o, afinal decidi-me. Por uma sorte providencial havia sobre uma saliencia da rocha um velho bico de vela. Apercebi-me que uma pequena trave tinha impedido a rocha cahir sobre mim. Nossos homens — sete indigenas — jaziam debaixo de grandes pedras e agonisavam. Ai! impossivel de os soccorrer! Lembrei-me do meu sonho, retomei coragem e sem hesitar, arranquei as pedras, uma por uma. Trabalhei muito tempo. Comecei a sentir-me suffocado, quando percebi uma corrente de ar e vi ao longe uma claridade. Pude escapar. Enviou-se soccorros para salval-os, mas os meus homens estavam mortos.

Foi bem o meu sonho que me salvou.»

Com effeito, Hendrik-Johannes Olivier tinha tido, durante o somno, a visão muito caracteristica da catastrophe. Elle recebeu o aviso para precaver-se e chegando ao local da mina reconstruiu o sonho, narrando-o a um contra-mestre incredulo.

É, de facto, este, um phenomeno espirita caracterisado, cujo phenomeno é conhecido pelo nome de *sonho premonitorio.*

UM DONATIVO DE 150 MILHÕES

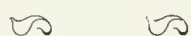
O multimilionario J. M. Morgan deu, á cidade de Washington, uma bibliotheca que, em dollars, representa o valor de 150 milhões de francos. Esta doação foi feita em *lembrança do defunto seu pae J. M. Morgan*, e o doador declarou que assim procedia para cumprir piedosamente, ordens por elle recebidas, em uma *mensagem posthuma.*

UM CASO INTERESSANTE

O diario espirita Cubano «HOY», publicou o seguinte caso narrado pelo sr. Rodolpho Felice, de San Fernando de Apure (Venezuela), facto que diz o narrador ter se dado comsigo proprio:

— «Sahindo do Cinema com dois amigos, de volta do hotel, caminhava pe-

las ruas solitarias. Os tres depararam, de repente, á sua frente, uma mulher elegante, a quem resolveram seguir.

Iam a passos largos, e um delles deliberou não acompanhar mais, em seguida o outro o mesmo resolveu. O sr. Felice obstinou, entretanto, á pista da desconhecida, que cada vez mais tomava uma marcha apressada. Assim sahidos dos quarteirões centraes, enveredaram para os suburbios. O sr. Felice dirigia palavras á mulher, que não respondia nem mesmo lhe voltava o rosto. Si elle a tivesse alcançado, tocar-lhe-ia na mão ou no manto. Subitamente, em plena luz de uma lampada electrica que illuminava a rua, elle ficou aterrorisado ao ver a imagem feminina desvanecer-se aos seus olhos.

Olhou, e viu-se no portão do cemiterio da cidade, e como um louco, correu até o hotel, onde os seus amigos o esperavam.»

O VELHO E O NOVO ESPIRITISMO

O Espiritismo é tão velho como o mundo. Em todas os tempos o Espiritismo tem prendido a attenção dos homens para a Immortalidade.

O velho Espiritismo é um conjuncto de factos tão authenticos, como aquelles que teem sido constatados ultimamente pelos maiores sabios do mundo. Verdade seja que todos esses factos tinham tomado um caracter miraculoso, sobrenatural, que as religiões e os religiosos lhe quizeram emprestar mas que admiravelmente systematisados pelo grande Missionario Allan Kardec, se tornaram uma vereda aberta a novas pesquizas em que o homem de bôa vontade encontra o caminho da bôa orientação espiritual.

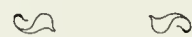
Catalogados os novos phenomenos pelos ensinos que sabiamente deram á Allan Kardec os Espiritos prepostos para tão relevante Missão, e coodificados maravilhosamente esses ensinos, como se depara nas magistraes obras do Instituitor do Espiritismo, desappareceram o *milagre* e o *mysterio*, que tanto ensombravam os homens na pesquiza da verdade.

Este exordio nos foi suggerido ao deparar na *Revue Spirite* uma memoria de M. Cassiopée, illustrado chronista desse jornal, sobre um phenomeno digno de menção, occorrido no anno de 1678.

Diz o distincto jornalista:

Não é de hoje que o nosso velho occidente constata apparições e as guarda em memoria. Entre todas as testemunhas classificadas se ajunta agora, mais uma; uma carta recentemente descoberta, endereçada a 11 de maio de 1678, por um certo Reverendo Mr. Fowler a um Dr. Henri Moore:

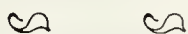
— «Esta semana, disse elle Mr. Pearson, que é um eminente ministro do culto, na cidade de Londres, disse-me que o avô de sua mulher, um homem de muita piedade, e medico do nosso rei — seu nome é Ferrar, e eu o julgo irmão do famoso Mr. Ferrar de Little Giddon — tinha feito outr'ora um contracto com sua filha (a mãe de Mme. Pearson, uma alma verdadeiramente piedosa). Nos termos deste contracto, ficou resolvido que o primeiro dos dois que morresse deveria, depois da morte, apparecer, ao sobrevivente, si possivel fosse; a filha, com alguma difficuldade, terminou em consentir essa resolução. Pouco depois, a filha, que vivia em Gillingham Lodge, ha tres milhas de Salisburg, cahiu doente e em seguinte a administração de uma poção contendo veneno, morreu repentinamente. Seu pae vivia em Londres, e na noite em que ella falleceu elle viu o cortinado do seu leito aberto pela sua filha. Ella encarou-o. Não havia noticias que ella estivesse doente. Depois desta apparição, elle disse confidencialmente á sua criada, que sua filha de Gillingham Lodge devia estar morta.

Dois dias depois, elle recebeu a noticia. E' isto que elle contou, depois, á Mme. Pearson, sua avó, a um tio e á criada. E eu sei que Mme. Pearson é muito digna senhora.»

Um Medium de fogo e de effeitos physicos

«THE HARBINGER OF LIGHT», de Melbourne, deu conta de interessantes phenomenos, de que a imprensa hungara se occupou, cujas narrativas foram reproduzidas por diversos jornaes americanos do norte e australianos. Trata-se de um menino de 14 annos, Jojann Farkas, conhecido pelo nome = o menino diabolico — devido á mediumnidade que possúe. Julgam-n'o um personagem sobrenatural. Onde elle se acha produzem-se incendios mysteriosos, e diversos sabios, dentre estes, geologos vindos de longe, teem sido testemunhos de maravilhosos phenomenos. Elles têm se esforçado para descobrir emanações de gazes das casas onde está o menino, mas nenhum phenomeno se produz na ausencia do rapaz. Quando as manifestações se verificam o rapaz é victima

de uma terrivel dor de cabeça. Posto sob a vigilancia do controle, deu provas cabaes de suas aptidões».

Um dia soffria o menino terrivelmente, chegando a tomar uma cadeira para não cahir; e de repente, chammas incendiaram o cortinado da cama e as cortinas da janella. Guardanapos saltavam da messa no solo, e garrafas cahiam do *buffet* quebrando-se.

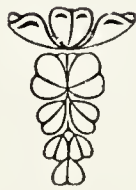
Em outras occasiões, janellas e portas foram arrancadas quando Farkas dellas se approximava.

UM MEDIUM CLARIVIDENTE

O «City News», de Londres, com a rubrica de Sir Basil Thomson, noticia assim a mediumnidade de um moço austriaco:

— «Quando eu era governador da Mormwood Scrubbs Prison, havia um prisioneiro que lia admiravelmente os pensamentos. Para fazer uma experiencia, preparei quatro pedaços de papel onde eu havia escripto antes de collocar em enveloppes separados, textos em francez, em inglez, em italiano e em lingua «fidjiana» de que me orgulho conhecer.

O capellão da prisão e eu fomos ao cubiculo do tal homem, que foi convidado a lêr o conteudo dos enveloppes.

Elle os tomou e os pôs um a um sobre sua fronte. Eu não podia distinguir os conteudos. Elle leu o francez e o inglez com facilidade, como si as palavras estivessem escriptas na parede ás suas vistas. Ao ler o italiano deteve-se. Quanto ao «fidjiano», declarou: «Não distingo claramente as palavras, mais isto quer, mas ou menos dizer assim». Então soletrou o texto da lingua antiga, fielmente, só com um erro, a substituição dum *n* por um *u*. Para dizer a verdade, a minha escripta motivou a confusão destas duas letras.

Acolhemos nesta secção as noticias dos phenomenos que chegarem ao nosso conhecimento, sendo, porém, necessario que elles venham documentados, ou nos sejam os seus relatos enviados por pessoas de inteira confiança.

Écos e Noticias

Após tantos embaraços e difficuldades, apparece, afinal, a nossa Revista que, obdecendo ás injuncções do Alto, nem chamar a attenção dos cultores do Espiritismo para uma série de phenomenos e de estudos indispensaveis á bôa orientação que todos devem tomar para o descortinio da Immortalidade.

Ao encarregado desta secção compete constatar o movimento espirita que chegar ao seu conhecimento e muito grato ficarà aos confrades do Brasil e do Extrangeiro que lhe transmittirem noticias de organisações e fundações de sociedades e de outros factos que formem o conjuncto desta collaboração.

Congresso Internacional do Espiritismo

Na reunião convocada pelo Comité Executivo e Comité Geral da «Federação Spirite International», com séde em Paris, grande numero de nações foram representadas, dentre as quaes a Allemanha, a Inglaterra, a Belgica, a Suissa, a França, a Hespanha, a Hollanda, a Republica Argentina, as Republicas da Guatemala, Cuba, Porto Rico, etc. Importantes decisões foram tomadas, havendo-se determinado o dia 6 de Setembro do corrente anno, para a abertura do Congresso Internacional.

Contribuições de intensificação Espirita

Na Hespanha, tres immoveis foram postos á disposição dos espiritas Um em Alicante, offerecido pelo sr. Primitivo Fajardo; outro em Sabadell, ao Centro dos estudos Psychologicos; o terceiro em Barcelona, Instituto Balbé, aos cuidados de Mme. Maria Sabaté.

O Espiritismo na Italia

O movimento espirita na Italia se propaga com animação. Ao lado dos trabalhadores de Genova, de Napoles, fundam-se outros centros de estudos, assim como jornaes e revistas, tal como «Sinai», cujos escriptorios se acham localisados em Trieste. «Luce e Ombra», de Roma, promette augmentar o numero de suas paginas e fazer sahir a sua revista mensalmente com 48 paginas.

O Espiritismo na DINAMARCA E NA SUECIA

A imprensa inteira da Suecia e da Dinamarca trata com particular interesse as questões metapsychicas, consideradas sob o ponto de vista scientifico e religioso. Em Odense (Dinamarca) existe uma bôa sociedade que funcciona num grande predio proprio. Na cidade de Aarling, como a de Esberg existem muitos centros em actividade.

O Espiritismo nas Indias

Ao contrario do que se affirma que a luz vem das Indias, agora é que ella começou a fazer lá os seus proselytos, devido ao zelo propagandista do illustrado espirita sr. Rishi. Este distincto confrade recruta diariamente adherentes para Revelação nova, fazendo conferencias populares, nas quaes annuncia as consoladoras esperanças da Doutrina Kardecista.

— Uma nova revista psychica acaba de apparecer em idioma Indostanico, sendo editado em Natalin.

— Uma associação fundada nesta ultima cidade, mantém activos correspondentes em Calcutá, Bombay, Mandelay, Rangoon, etc.

— Em Annam annuncia-se o apparecimento de uma revista — «*Viet Nam Thanh Nien Tap Chi*» (Hanoï.)

A Divulgação Espirita em Cuba

— Em Cuba o Espiritismo triumphante jà venceu todos os obstaculos. Entre outras publicações de valor se salienta o diario espirita — *Hoy*, — cuja acção combativa lhe permitte obter victoria sobre victoria.

— Existe na ilha mais de mil sociedades espiritas, perfazendo um total de 70.000 membros.

— Uma das mais recentes revistas, das que se publicam em Cuba, lembramo-nos da que tem por titulo — *Laboremus* — *(Trabalhemos)*.

— Segundo refere «*Hoy*», nenhuma pessoa lá se envergonha em declarar-se espirita.

A Athenas dos Philosophos

Em Athenas foi fundada a Sociedade Hellenica de Pesquizas Psychicas, cujos primeiros trabalhos versaram sobre a «Premonição e os Sonhos Premonitorios».

Movimento Espirita na Gran-Bretanha

— O movimento espirita na Gran-Bretanha é admiravel.

— Grandes sociedades perseveram infatigavelmente nos mais variados trabalhos psychicos, e no estudo de todas as categorias de phenomenos: a photographia espirita fornece constantemente provas irrefragaveis da immortalidade, tendo por auxiliares os mediums Hope, Buxton, Deane e outros. O phenomeno de «Vozes Directas» é demonstrado, não sómente a uma aggremiação privada, mas deante de 250 pessoas reunidas num «hall londonien». A litteratura se enriquece com obras novas, como a traducção de «Joanna D'Arc», de Léon Dénis, por Sir Conan Doyle, etc Horace Leaf publicou as Relações de viagem dos mediums inglezes. No Hyde Park, de Londres, os espiritas effectuam sessões de videncia.

Espiritismo na America do Norte

Na chronica espirita mundial de julho ultimo, assignala a adhesão da «National Independent Spiritualist Association», que possúe na America um grande numero de templos, lyceus, escolas, predios, circulos de estudos, de demonstração experimental, bibliothecas, etc., e constitúe actualmente a liga dos jovens espiritas, cujo numero vae crescendo todos os dias. No ultimo Congresso, a «National Association» resolveu filiar-se á «Federation Spirite International», com séde em Paris, para cerrar fileiras com os seus irmãos do mundo inteiro, no Congresso Internacional, em preparativos.

— A direcção do jornal «*Scientific American*» está fazendo sessões com uma pessoa de Boston, de quem a imprensa americana faz optimas referencias de mediumnidade prodigiosa.

— Foi fundado em New York o «Spiritual Science Institute».

Movimento Espirita Francez

Tanto quanto nos outros paizes do mundo, o portentoso sol do Espiritismo se ergue illuminando os horizontes amplos que, sem a sua bemfaseja claridade, a humanidade não poderia conhecer.

— «Federation Spirite International» trabalha activamente, mantendo correspondencia continua com as associações federadas.

—A «Union Spirite Française» systematisou os seus trabalhos, de modo a obter pleno successo, publicando o «Bulletin» mensal sob a direcção do Snr. Jéan Meyer.

— Em Toulouse, Douai, Nimes, Dunkerque, Bordeaux, Saint-Etienne, Mans, Alger, Rochefort, Lion, Roubaix, como em Paris, augmenta consideravelmente o movimento de propaganda, são creados novos centros e apparecem novos jornaes. A imprensa franceza aborda, com interesse, as questões espiritas, tornando assim, os seus leitores scientes dos factos que se apresentam, como testemunhos vivos da Vida Eterna.

Espiritismo na Argentina

— A «*Costancia*», excellente sociedade, sob a direcção da Dr. Cosme Marino, e que já conta 67 annos de existencia, prosegue com as suas conferencias elucidativas e doutrinarias. A revista semanal do mesmo nome publica interessantes artigos de fonte espirita.

Sessões experimentaes são realizadas mensalmente.

Espiritismo no Brasil

Estamos certo que o Espiritismo fará renascer no nosso paiz, uma nova éra de paz e de progresso espirita, iniciando-se esta nova phase, para o povo brasileiro, no corrente anno.

Por toda a parte se intensifica o movimento de propaganda, erguem-se novas aggremiações e a imprensa vae tomando uma feição liberal, tal é a maneira suasiva porque o Espiritismo se vae impondo.

Aggremiações como a Federação Espirita Brasileira, a União Espirita Suburbana, do Rio, trabalham incessantemente pela divulgação do Ideal. Jornaes e revistas, co-

mo o Reformador, a Aurora, o Jornal Espirita, a Seara, o Clarim e outros tantos, levam por toda a parte a semente productora da Religião Christã que, em seu admiravel complemento exalta a Caridade que aperfeiçoa e a Fé que salva.

A seu turno, uma pleiade de denodados propagandistas se encarregam da pavra oral, salientando a excelsa philosophia, cujos dictados coordenados por Allan Kardec, nada deixam a desejar aos que têm fome e sêde de justiça, e querem conhecer o porque da vida e a bussola que deverá oriental-os para a posse dos seus destinos immortaes.

Pensar e Sentir

E' mais difficil fazer os homens pensar do que sentir; quando não puderdes attrail-os pelo raciocinio, tocai seus corações pelo sentimento.

O Juizo Preconcebido

Nós estamos tão longe de conhecer os agentes da natureza e seus diversos medos de acção, que seria pouco philosophico negar a existencia dos phenomenos, unicamente porque elles são inexplicaveis no estado actual dos nossos conhecimentos.

Laplance

AS ALMAS VIRTUOSAS

A alma virtuosa que tem a paixão do Bem e do Bello, do Grande — e que tem a summa posse da harmonia, produzirá obras primas, capazes de impressionarem as mais remissas e commovel-as.

Rossini

Condemnação Insciente

Condemnar resolutamente uma cousa por falsa e impossivel é se arrogar com a gloria de estar de posse das fronteiras e limites da vontade de Deus e do poder da nossa mãe natureza; e não ha signal de mais notavel loucura no mundo do que os encarar na medida da nossa capacidade e sufficiencia.

MONTAIGNE

Os homens mais felizes

Felizes aquelles cujo preparo foi bem começado aqui em baixo, porque assim como elles têm sido auxiliados neste mundo por forças do outro lado, do mesmo modo serão mais promptamente ajudados, quando passarem a grande fronteira; tornar-se-ão tão ageis como os «anjos», os mensageiros de Deus, no Mundo Espiritual, e deslisarão em radiosos caminhos.

Rev. A. F. Webling

O Espiritismo e a Sciencia

O Espiritismo é a sciencia das sciencias, cujo estudo fornece conhecimentos, não só sobre o homem espiritual, mas tambem sobre o homem corporeo; e ensinamentos de ordem moral e de ordem intellectual.

Dr. Pinheiro Guedes

UM BELLO PENSAMENTO

O amor a Deus, o culto do bem e o habito do trabalho, faz a pessôa honesta e santa, compassiva e resignada, bôa e humilde; emquanto que a riqueza argentaria deixa muitas vezes, quasi sempre, fundos rastos sangrentcs de perversão e maldade nos seus favoritos.

Eça de Queiroz

Os Verdadeiros Amigos

Os verdadeiros amigos estão presentes mesmo quando não os temos ao pé de nós; mesmo quando pobres, são ricos; mesmo quando fracos, gozam saúde; e o que é mais difficil de affirmar, mesmos mortos continúam a viver.

CICERO

Um conselho do Além

Viajor em marcha pela Estrada do Infinito, que as tuas vistas se voltem sempre para frente e celere sejam os teus passos para galgardes o cume da montanha, donde tudo te apparecerá sob um outro prisma, bem differente do que agora vês!

Procura a Estrada da Vida e não te detenhas paralysado com os accidentes da jornada; caminha sempre com passo firme, estudando as sinuosidades do terreno e com o espirito prompto para afrontar todos os revezes da viagem.